

Grávida e
SUA

FESTA DA LUXÚRIA - LIVRO 2

MARI SALES



Grávida e
SUA

MARI SALES

Copyright © Mari Sales

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Edição Digital: Criativa TI

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangíveis ou intangíveis – sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Dedicatória](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a Autora](#)

[Outras Obras](#)

Dedicatória

Para todos os desejos sombrios que nem sempre conseguimos olhar. Eu os acolho. Eu os transformo em histórias. Eu me curo.

Sinopse

Alguns homens ocupavam o tempo livre com os prazeres da carne, Marlon de San Marino era um deles. Como pagamento de uma dívida, ele aceitou fazer parte de um ménage e não imaginou que a mulher proibida ficaria gravada em sua mente para sempre.

Simone Muller estava cansada de sofrer. Vinculada a um homem perigoso e cruel, ela fugiu de Dualópolis para se libertar. Não foi longe o suficiente, ele a encontrou e se vingou, deixando-a fragilizada.

Resgatada por um bilionário poderoso e sarcástico, ela acreditou que seria apenas mais uma em sua cama. Mas Marlon tinha outros planos e estava mais do que disposto a entrar no fundo do poço, para tirar Simone de lá.

ATENÇÃO! Essa história contém cenas impróprias para menores de dezoito anos. Inclui gatilhos, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.

Assine a minha Newsletter: <http://bit.ly/37mPJGd>



Marlon
DE SAN MARINO

Prólogo

Semanas antes...

A raiva era um dos sentimentos que nos tornava cego perante uma situação. Por conta de uma dívida, que eu já estava de saco cheio para continuar cobrando, aceitei a única oferta que aquele crápula queria oferecer.

Um ménage com uma das suas *babies*. E não seria qualquer mulher, mas aquela que não saía da minha cabeça, desde a primeira vez que a vi na Festa da Luxúria, na cobertura de Dualópis. O cara se disfarçava de sugar *daddy* – por conta do sobrenome –, mas seu título, na verdade, era cafetão.

Eu estava cego e cheio de tesão quando aceitei. No momento em que tudo foi organizado e eu aguardava os dois chegarem, em um apartamento exclusivo para o que iríamos fazer com ela, eu estava me punindo.

Tinha recebido boa educação e era um cavalheiro com as mulheres que me relacionava por uma noite. Nenhuma justificativa era suficiente para explicar o que eu estava prestes a fazer.

Olhei para o copo vazio em minha mão, depois para o céu estrelado e fiz uma promessa: destruir Oscar Daddy entraria na minha lista de prioridade. Estava exausto de ver sua distorção de

prazer com enganação. Todas as mulheres estariam livres daquele bandido disfarçado de empresário, começando por Simone.

Larguei minha bebida em uma superfície, coloquei meu celular em cima da caixa de som e escolhi a playlist para o sexo selvagem. Na sala, uma grande mesa de madeira com amarras e a luz vermelha mudava minha vibração de raiva para a de luxúria. Ela seria amarrada, vendada e fodida.

Eu não deveria me sentir atraído por esse tipo de sexo arranjado. Minha mãe sofreu violência doméstica do meu pai o suficiente para eu ser o sonho de qualquer mulher. Sarcástico na medida certa, carinhoso quando deveria ser.

Abafei o monstro em mim que estava rasgando suas grades, para sair e se divertir com os dois.

“E eles me dizem que você não vale a pena lutar por

Eu estive no inferno e voltei para você

Tudo o que você faz, eu continuo sendo seu - eu voltei para o inferno por você”

Self Deception – Hell and Back

A porta se abriu e a música alta nos impediria de conversar. Essa foi outra especificação de Oscar Daddy, um ménage com

dominância e humilhação, porque era assim que sua baby preferida gostava.

O olhar pra baixo e seriedade da mulher quase me convenceram de que ela estava sendo forçada ao ato. Assim que a porta se fechou atrás deles, ela ficou de costas para mim e foi beijar o idiota.

Eu a faria dizer que era minha, nem que fosse por um segundo.

Ele a despiu sem cuidado, diferente do que eu faria. Percebi vergões na pele de Simone, com certeza eles se envolveram há poucos dias e o filho da puta a queria para mais, sem que estivesse recuperada.

Longe de mim a prática raiz de BDSM, nela envolvia muito mais do sexo. Comigo era fetiche e jogos de adulto, até o limite de ambos. Minha filosofia era o prazer mesclado à fantasia que proporcionava tesão.

Aproximei-me deles, Oscar Daddy me encarou contrariado enquanto a continuava beijando. Ela estava quase nua, seu vestido fino e sapatos tinham sido descartados aos seus pés. Queria tocar cada marca e venerar cada vergão, mas me contive.

Ele a empurrou para se ajoelhar e, prontamente, começou abrir sua calça.

— Você está muito apressado — falei no ouvido dele, com certeza Simone não escutou.

— Porque eu prometi a ela que você seria um voyeur, mas será o contrário. Vou gozar em sua boca, depois você fará tudo.

Babaca!

Dei um passo para trás, enojado de ver os dois e querendo encerrar aquela palhaçada. Oscar Daddy estava inabalável, sorrindo como se fosse o dono do mundo. Não na minha vida, cretino.

Novamente, a raiva me cegou. Ao invés de cancelar e trazer a equipe de cobrança para dar uma lição nesse empresário corrupto, botei um plano de vingança.

Saí de perto dos dois, tirei o paletó e desfiz o nó da gravata, colocando os itens bem alinhados em cima da poltrona mais afastada. Dobrei as mangas da minha camisa social branca, tirei o cinto e desfiz o zíper, eu manteria a roupa para que ela soubesse a diferença de quem estava por perto.

Não. Antes de tudo, eu murmuraria em seu ouvido, se ela queria descobrir uma forma melhor de sentir prazer. Se ela gostava de sexo selvagem, existiam outras formas mais cuidadosas de se fazer. Eu não precisava ser o monstro, poderia ser o anjo rebelde, apenas o suficiente.

Mesmo com o som alto, consegui ouvir o gemido de prazer, aquela boca tinha sido maculada com a porra da inverdade. Virei-me para observá-la caminhar até a mesa, tentou não me encarar, mas eu vi a incerteza em seus olhos. Nossa interação nunca foi com ela sendo submissa, do jeito que estava. Queria saber o que se passava em sua cabeça, eu a salvaria se fosse preciso.

Ela seria minha até o fim daquele ato.

Oscar Daddy rasgou a calcinha dela, deixando marcas em seu quadril. Prendeu seus pulsos com as algemas de couro, depois seus tornozelos, deixando-a aberta para qualquer um usufruir.

Uma grande faixa foi colocada em seu rosto e precisei empurrar o tecido para que não a sufocasse. Fiz leitura labial do que o idiota resmungou, ela até poderia respirar pela boca, mas não faria tudo o que ele mandava.

Rebati com meu semblante tedioso, que foi recebido por ele como se eu o desafiasse. A mão dele apertou e deslizou pelo corpo dela, chegou entre suas pernas e deu outros tapas fortes e desnecessários. Ergui a mão para interrompê-lo, ele sorriu e foi se sentar, ajeitando o pau mole que estava para fora.

Fui até o cafetão, pisando firme e irritado. A partir daqui, seria do meu jeito e foda-se a brutalidade que ele exigia.

— Você só irá assistir — ordenei alto e ele riu, se acomodando sem me encarar.

— Sim. Faça do seu jeito, eu prometi a ela um momento diferente.

Voltei até Simone, que respirava ofegante. Seu corpo estremeceu e ousei tocar em seu pé. O arrepio tinha mais a ver com o frio que o ar-condicionado proporcionava, eu estava disposto a transformar em tesão real.

Fiz uma suave massagem na sola do pé, depois na outra. Coloquei a mão na superfície próxima da lateral do seu corpo, mas não o toquei, porque queria executar o meu plano antes de fazer mais do que o necessário.

Próximo à sua cabeça, agachei, trouxe minhas mãos para apertar seus ombros, em uma massagem relaxante. Senti-a nervosa e endurecida, tive receio dela recusar e tudo virar um grande caos.

— Prometo ser cuidadoso — murmurei próximo do seu ouvido, sem que Oscar Daddy pudesse perceber. Ele me encarava com chateação, com certeza esperava mais ação em menos tempo.

Ela soltou o ar com força, relaxou e virou a cabeça com os olhos vendados, beijando meu antebraço. Aceitei como um sinal positivo, deslizei minha mão entre seus seios, levantei-me e fui até sua boceta. Acariciei e provoquei com a ponta dos meus dedos, não a invadiria apressado.

Remexeu o corpo, acostumada com a grosseria do seu *daddy* criminoso. Explorei todo o seu corpo com toques suaves, massageei onde senti a tensão e fiz o que queria desde quando a vi nua: venerei suas marcas com meus dedos.

Com ela completamente relaxada, comecei pelos bicos dos seus seios, apertando e deixando-os rijos. Depois fui com a boca, deixando minha saliva e língua fazerem magia para sua libido.

“Você não vai contar

Não somos nada além de sobreviventes cínicos neste jogo

Todos nós desistimos de nossos corações

Por um segundo no paraíso

Uma vida inteira de dor

E você vai elogiar”

We Are The Catalyst - Predators

Com a mudança de entonação da música, segui para sua boceta e a encontrei encharcada. Ela gostou da minha preliminar e estava pronta para o meu pau, mas antes, mostraria que o sexo oral nela também fazia parte do show. Tão idiota quanto o Oscar Daddy era, com certeza não se dava a esse trabalho.

Puxei-a para ficar com o quadril quase caindo da mesa. Agachei-me, segurei suas coxas e levei minha boca até seu sexo. Lambi e chupei, depois esfreguei minha língua em seu clitóris com força, fazendo-a remexer. Tentou fechar as pernas, mas as amarras a deixavam exposta.

Senti-a gozar quando curvou o corpo para cima e estremeceu. Sorri com satisfação, queria que gemesse meu nome e dissesse que era apenas minha.

Sua, Marlon. Sonhei, para que meu pau se excitasse um pouco mais.

Levantei-me e ignorei qualquer pessoa ao redor, aquele momento era meu e de Simone. Posicionei meu pau, lambuzei a cabeça com seus fluídos e fui entrando, pouco a pouco, em seu canal inchado. Joguei a cabeça para trás e gemi, apreciando cada parte conquistada de sua vagina. O encaixe perfeito me fazia acreditar que ela tinha sido feita para mim.

Entrei e saí com lentidão, para apreciar. Quando ela estremeceu mais uma vez, perdi o controle e a fodi com força, apertando suas pernas, rosnando para que meu pau batesse cada vez mais fundo nela.

Seus seios chacoalhavam, seu corpo se movimentava na mesma agitação que meus impulsos de quadril. Simone curvou o corpo para cima, ela queria me abraçar e eu ansiava por seus braços ao redor do meu pescoço.

Prestes a gozar, estiquei-me para encher minha mão com o seu seio. Apertei-o com força, encontrei o céu da luxúria e a levei comigo, em um terceiro orgasmo.

Em algum lugar, ouvi outro gemido, daquele que eu tinha esquecido. Preferia encerrar o ato e proporcionar carinho para a minha acompanhante, mas Oscar surgiu, colocou-a de quatro e me desafiou a fodê-la um pouco mais.

Negar não era uma opção, durou a noite inteira. Como um viciado, eu não acionei o bom senso, deixei que uma energia desconhecida nos guiasse enquanto fodia e gozava de forma alucinada.

Ela não me encarou quando tirou a venda e sorria satisfeita para aquele babaca. Meu coração se partiu ao constatar que ela preferia um idiota a mim. Depois que conheceu meu lado sexual, eu ansiava em mostrar a Simone o meu lado homem, por mais que não tivesse me dado oportunidade.

Ainda bem que eu sempre fui teimoso e o destino estava a meu favor.

Simone
MULLER



Capítulo 1

Quando nos descobrimos tóxicas para nós mesmas, chegamos ao fim da linha. Eu precisava de ajuda e não sabia a quem recorrer. Ajudar minha vizinha era sempre mais fácil do que olhar para meus próprios problemas.

Cheguei ao fundo do poço. O pior não era estar afundando, mas levar um ser inocente comigo.

Toquei minha barriga e reconheci o quanto esse bebê era forte. Mesmo depois de espancada e abusada, ele continuava vivo em meu ventre, querendo nascer.

Eu não poderia mais me dar ao luxo de não pensar nas consequências dos meus gostos peculiares. A luxúria e o que me dava prazer não eram nem um pouco saudáveis, precisavam ser revistos e analisados. O que minha antiga psicóloga falou não tinha mais valia, de me permitir extravagâncias, desde que em segurança.

Gostava de dor. A violência me atraía e eu tinha vergonha de assumir. Até que conheci Oscar Daddy e ele me mostrou que poderia viver feliz cruzando essa linha.

Frequentava a terapia e estava lidando com meu lado obscuro. Então, eu não tive mais tempo e meu *daddy* me obrigou a parar de frequentar. Estávamos bem, até que eu descobri que não era a única mulher em sua vida. Tomei conhecimento de que ele

parecia mais um cafetão do que um homem que realizava meus desejos sem compromisso emocional.

Afundi na minha dor, me sabotei e achei que nunca encontraria algo melhor do que aquilo. Permiti que Oscar fizesse de mim uma prostituta, porque eu estava perdida.

Olhando para a minha barriga, sentada em uma cama de hospital esperando o médico me dar alta, percebi que não poderia mais brincar de estar bem. Meus pés precisavam alcançar o chão e a razão tomar conta.

Eu não poderia fazer com esse bebê o que fizeram comigo. Ele era um sobrevivente e merecia muito mais do que eu. Cogitei adoção, mas dentro de mim uma chama brilhou, de finalmente ser digna de alguém; eu o seria do meu filho ou filha.

— Com licença. — A voz que me atormentava e me reconfortava soou. A porta se abriu por completo e Marlon entrou no quarto, com seu olhar de quem sabia de tudo e sorriso sarcástico. Eu o amava e odiava na mesma proporção, porque sabia que ele era tão igual a Oscar. — O médico já passou aqui?

— Você não precisa fazer isso.

— Quer que eu vá chamá-lo? — Ignorou minha dispensa, como fez todas as outras vezes que o mandei embora.

— Estão precisando de você para organizar a Festa da Luxúria. — Desviei o olhar e foquei na minha barriga, o meu mundo todo se resumiria a essa vida que eu gerava.

— Assim que você ficar bem, poderá participar — seu tom era de zombaria, uma provocação que ele nunca iria pôr em prática. Encarei-o com todo o meu ódio, apenas para que ele suavizasse seu sorriso. — Sabe que farei o que quiser, inclusive, sumir da sua frente.

— Pode ir.

— Oscar Daddy é uma ameaça. — Ele parou ao lado da cama e apoiou sua mão próxima à minha coxa. O safado não me tocava e sempre pedia permissão, o que me impedia de odiá-lo por completo. — Se não for comigo ao seu lado, recomendo seguranças. A mulher do meu amigo também está em perigo, aquele babaca está fora de controle.

— Ele quis matar meu bebê — murmurei, impactada.

— O que o torna indigno de assumir essa gestação. Sou seu aliado, não inimigo.

— Todos os envolvidos com Oscar são tão podres quanto ele. — Pressionei os lábios, porque queria um abraço e chorar, mas não na frente de Marlon. — Você só está aqui, porque Patrícia confia em você.

— Na verdade, é no meu sócio Rômulo. — Ergueu um dedo e piscou o olho, atrevido. — Ele confia em mim e... — Soltou o ar com força e pesar. Era estranho ver um bilionário se sentindo culpado, ele poderia pagar para que os outros fizessem. — Fui um libertino inescrupuloso naquele dia.

— Pelo contrário, você fode muito bem. Seus dedos e língua são habilidosos, de quem treinou em muitos corpos e conhece a anatomia feminina. Nem precisei fingir os orgasmos que tive.

— Fingir?

— Esqueça. — Inclinei-me para ver quem abria a porta, era o médico. Sentia-me culpada toda vez que eu compartilhava algo íntimo com Marlon. Ele tinha o poder de me fazer sentir confortável o suficiente para me abrir.

Meu coração estava trancado e não seria utilizado novamente. Depois de ser espancada pelo *daddy* que deveria me proteger, não confiaria em homem nenhum. Tudo bem que fugi, que estava exausta das suas cobranças e aventuras sexuais envolvendo outros homens. Eu não tinha controle das minhas vontades e perdia a minha essência a cada trepada com desconhecidos vinculados a Oscar Daddy.

Estava prestes a me tornar uma prostituta como a minha mãe, ainda bem que esse bebê surgiu para me pôr de volta nos trilhos.

— Como se sente, senhorita Simone? — o médico se aproximou e me encarou com atenção.

— Os roxos ainda vão demorar para sair. O corpo dói, mas me sinto melhor do que cheguei. Prefiro evitar algumas medicações, para não afetar o bebê.

— Você pode tomar alguns deles, não se preocupe.

— Apenas em último caso. — Estufei o peito e dobrei as pernas, pronta para sair da cama. — Posso ir?

— Marque uma consulta para semana que vem, vamos acompanhar a sua recuperação e a do bebê de perto. Combinado?
— O médico mostrou a palma da mão para me interromper. — Vou pedir para que a enfermeira venha com uma cadeira.

— Não precisa!

— É o protocolo.

— Estou bem, não inválida. Eu vou andando devagar, prometo.

— Não se preocupe, eu a carrego. — Marlon deu a volta na cama e estendeu os braços, pronto para fazer o que tinha dito. O médico riu e bateu em suas costas, de leve.

— Percebo que estão em lua de mel. Podem fazer como querem, mas se perguntarem, eu não autorizei.

— Marlon! — rosnei para o arrogante charmoso à minha frente, que sorria com inocência. O médico nos deixou sozinhos, para piorar a minha indecisão.

— Prometo não contar para ninguém. — Piscou um olho. — Eu só quero ajudar, Simone.

Esse era o problema, o homem parecia interessado em se redimir. Eu precisava dele devasso, sendo o babaca associado de Oscar Daddy, para que meu coração não caísse naquela armadilha.

Suspirei, convencida de que não teria outra saída. Ele colocou a alça da minha bolsa em seu ombro, me pegou no colo e abracei seu pescoço com força. Seu cheiro e calor me remetiam a sexo selvagem e tesão. Não era momento de ficar excitada, nem de respirar com dificuldade, mas lá estava meu corpo seguindo o caminho promíscuo do qual eu queria me afastar.

— Sou uma pessoa horrível. Por favor, não se aproveite de mim — murmurei, como se fosse uma oração. Estava exausta de ser fraca, eu precisava ter distância dos homens.

Ele me ajeitou no colo e tossiu enquanto caminhava comigo pelos corredores do hospital, até o elevador.

Como um cavalheiro, ele saiu do hospital comigo no colo, depois me colocou no carro e deixou um beijo na minha testa. Deveria ter murmurado algo, mas não consegui entender o que tinha sido. Ajeitei a bolsa no meu colo e fiz uma leve carícia na minha barriga, pelo visto, se tornaria um hábito. Eu precisava ser forte, não esperar que os outros pudessem me defender de mim mesma.

— Então, para o meu apartamento ou o seu? — ele se sentou no banco do motorista e perguntou, sério.

— Tenho escolha?

— Claro. — Soltou o ar com força e deixou os ombros relaxarem. — Prefiro que fique comigo, em segurança, até que eu termine o assunto com Oscar. Vi um dos capangas dele me

observando de longe e tenho certeza de que não fez nada, porque a minha equipe está cuidando de nós.

— Ele já me usou, me bateu, o que mais ele quer? —
Fechei os olhos e apoiei a cabeça no encosto. — Nunca vou exigir nada dele, eu fugi e farei novamente.

— Dessa vez, quem vai desaparecer é ele.

Abri os olhos quando senti seus dedos apertarem minha mão. Seu olhar era tão convincente, uma promessa de que faria qualquer coisa para pôr em prática suas palavras.

— Posso ficar alguns dias no seu apartamento? —
choraminguei.

— O tempo que for necessário. Do seu jeito.

Era esse o meu maior medo.

Simone
MULLER



Capítulo 2

Estranhando o ambiente e querendo me punir, optei por não receber a visita de Patrícia e nem aceitei que a diarista de Marlon entrasse no quarto que eu estava hospedada no apartamento luxuoso dele.

Vi-me no espelho, encarei a dura realidade de que eu tinha me colocado no fundo do poço. A confiante mulher tinha se transformado em uma bagunça de hematomas e medo.

Não sabia o que iria fazer da minha vida, apenas que eu tinha que focar no meu bebê. Eu não poderia perdê-lo e, mesmo que eu não merecesse, ele era a minha salvação.

Passei o dia rolando na cama, assisti televisão e consegui acalmar meu coração quando deixei a música rolar. Pelo aparelho, consegui acessar o aplicativo de streaming do anfitrião e me torturei com a playlist daquele momento que compartilhamos.

Eu gostei do sexo que fizemos. Quando sua voz melodiosa e de comando sussurrou em meu ouvido, eu me deixei voar. Era o indicativo de que Oscar estava descumprindo suas promessas, mas não seria a primeira e eu não o amava o suficiente para me decepcionar.

Antes de Marlon, eu não me importava com sexo, quem era o meu parceiro ou como tudo terminaria. Então, senti-lo tão atencioso e receber seus orgasmos, eu queria mais dele.

Mas não podia. Mesmo que eu fugisse, meu algoz me alcançaria. Ele me destruiu. A culpa não era apenas de Oscar Daddy, mas minha.

Assumir a responsabilidade de tudo que estava me acontecendo era parte de ser alguém melhor para o meu bebê.

“Eu seria como um quebrado

Eu preciso do seu amor

Esta luz repentina

Porque eu sei que iremos topar com você

E nós compartilhamos nossas últimas lágrimas

Quando eu mudo de ideia, eu mudo o seu mundo

Percebi que nossas memórias do passado permanecem no espelho”

Main-De-Gloire – In The Darkness

Virei-me na cama, em direção à porta e me assustei quando encontrei Marlon parado nela. Com as mangas da camisa dobradas, calça social sem cinto e cabelo bagunçado, ele estava da mesma forma que aquele dia.

O volume em sua calça indicava que também se excitava ao ouvir aquela playlist. Meu lado promíscuo queria esquecer o abuso e violência que sofreu. Fraca e manipulável, eu teria uma longa jornada até que não caísse em tentação.

— Não vai jantar? — Ele entrou no quarto e diminuiu o volume da televisão. — O que está com vontade de comer?

— Você — murmurei, remexendo as pernas e suspirando alto.

Ele voltou para a porta, cruzou os braços e ergueu a sobrancelha. Conteve o sorriso, mas a arrogância estava lá, por ser desejado.

— Poderíamos transar loucamente, mas então, você desmaiaria por não ter se alimentado. Lembre-se, você são dois agora.

Um banho de água fria seria menos agressivo que suas palavras. Fechei os olhos, coloquei as mãos na barriga e me sentei na cama, com os pés no chão do lado em que ele estava.

Sim, eu não poderia pensar apenas em mim, mas no meu bebê. Tentei não chorar, pressionei os lábios com força e abaixei a cabeça. Sexo seria gatilho para algo sujo e indevido, essa era a realidade que me ajudaria a sobreviver.

— *Hey.* — Ele apareceu no meu campo de visão, ajoelhado à minha frente. Não me tocou, apesar da sua mão estar inquieta para se aproximar. — Sinto muito por estar dando conotação sexual onde não deve. Você sofreu...

— Eu gostei. — Dei de ombros. — Sou uma mulher desequilibrada, que gosta de sexo sem pudor. Então, eu tenho um bebê para cuidar. Não posso me dar ao luxo de viver do mesmo jeito.

— Você não gostou da agressão que sofreu.

— Preciso voltar para a terapia. — Ergui a cabeça, para desviar o olhar da pena dele. — Não sei como vou reconstruir minha vida, a opção de me manter estagnada não existe.

— Prefere ir a um consultório ou se sente confortável em falar com alguém aqui? — Ele se levantou e eu ri com deboche.

— Quer ser meu *daddy*? Não tenho boas experiências.

— Dê o nome que quiser, Simone. Resolvi te ajudar, isso inclui te alimentar e providenciar ajuda especializada.

— E o sexo? — Levantei-me, para sua surpresa. Dei um passo em sua direção e coloquei as mãos no seu peito. — Vai me ajudar com os desejos de fodas selvagens e violência? — Marlon manteve a postura firme. Desci uma das mãos até sua virilha e apertei seu pau ereto. — Vai me deixar chupar até que eu goze, apenas por sentir sua porra na minha língua?

— Você não quer fazer isso.

— Por isso eu e Oscar nos dávamos bem, ele não se importava de dar, exatamente, o que eu queria. — Mordi o lábio inferior e esfreguei minha mão na sua ereção, fazendo com que ele ofegasse. — Nem precisa olhar para a minha cara, apenas me deixe gozar.

— O que vai querer comer, Lótus?

— Isso é um apelido?

— O nome de uma flor.

— Tão estranha e desconhecida quanto eu, entendi. — Bufei e me afastei, voltando a me deitar na cama, de costas para ele. — Estou sem fome.

— Você gosta de comida japonesa?

— Peixe cru não é recomendado para gestantes. Me deixe sozinha.

— Então, vamos para o padrão de carne, arroz e batatas fritas. Não tem erro. — Escutei passos e virei meu rosto em sua direção. Seu dedo apontava para mim e seu olhar era brincalhão. — É apenas uma refeição.

— Eu vou dormir. Até mais. — Estiquei o braço, peguei o controle da televisão e a desliguei.

Ele apagou a luz e eu fechei os olhos, forçando o sono a me dominar. Rolei na cama e as cenas de nós dois transando, mesmo eu estando vendada, invadiram minha mente.

Eu sabia, exatamente, porque pensava em sexo quando fugia de um assunto. Com uma mãe prostituta e vários pais se revezando dentro de casa, a única forma de me sentir pertencente a algo, era fazendo como a minha mãe.

Infelizmente, tomei consciência dessa ação depois que eu já estava viciada em gozar e me sentir bem. No início, eu não sabia o motivo. Com a terapia e a busca para não ter tesão por algo tão sem noção – como a violência –, eu conseguia me controlar.

Naquele momento, eu estava fora de mim. Machucada, com um bebê no ventre e muitas incertezas à minha frente.

Peguei no sono e acordei suada, estava sem o ar-condicionado ligado e a coberta sobre mim. Fui até o banheiro, fiz o que precisava e lavei o rosto para me despertar.

Saí do quarto e me surpreendi com a mesa posta da cozinha. Travessas tampadas com plástico filme, da comida que Marlon prometeu, pareciam me esperar para comer.

Segui para a geladeira, enchi meu copo de água e observei o homem caminhar apenas com uma calça de moletom. Coçou a barriga e

bocejou, tentando sorrir, mas as olheiras indicavam o quanto estava exausto.

Marlon me deixava com tesão, seus músculos à vista me faziam querer lamber cada parte exposta dele e seu olhar era tudo o que eu precisava para me oferecer a ele, sem pudor.

— Estava te esperando acordar para comer.

— Não precisava se dar ao trabalho. Você parece cansado.

— Você gosta de violência, eu sou adepto a ter pouco sono. — Foi até a mesa e tirou os filmes das travessas. — Será que esquentamos no prato ou aqui mesmo?

— Eu não vou comer, Marlon.

— Por favor. — Bocejou e seu olhar pidão me derrubou. — Está sem comer há mais de doze horas. Se não for por você, que seja para ser minha companhia.

— Se não for por mim, sempre será pelo meu bebê. Não se coloque em tão autoestima. — Bufeí, irritada por não estar conseguindo cuidar de mim o suficiente. Sentei-me em uma das cadeiras, como uma criança mimada e Marlon suspirou.

— Obrigado. Minha barriga estava roncando. Posso te servir?

Não tinha forças para negar, aquele homem poderia se tornar minha ruína final.

Simone
MULLER



Capítulo 3

Entreguei meu prato, ele colocou um pouco de tudo o que tinha e esquentou no micro-ondas. Depois fez o mesmo com o dele, então se sentou à minha frente e começou a comer.

— Delicioso. — Mastigou e indicou com o queixo o meu prato. — Não vai experimentar?

— Você é chato assim a todo momento ou apenas comigo?

— Minha melhor versão é sempre com você, Simone. — Piscou o olho.

— Queria saber se alguma mulher acredita nesse tipo de cantada. Você não precisa disso para me levar para a cama.

— Primeiro, eu não dou cantadas. Segundo, eu sou difícil para ser seduzido.

— Foi muito fácil trepar comigo amarrada naquela mesa de madeira.

— Percebeu o seu poder? — Colocou um pouco de comida na boca e me encarou cheio de intensidade.

— Se apaixonar por mim é ter uma bomba relógio ao seu lado. Estou focada no bebê, não terá espaço para um amante em minha vida. Sou muito grata pelo que tem feito por mim, se existe alguma transa que eu não me arrependo, é a nossa. O pouco de

refúgio e apoio está sendo muito importante e nunca será esquecido. Mas é apenas isso.

— Continue se enganando, Lótus. — Arregalei os olhos quando ele posicionou um garfo na minha frente. — Abra a boca.

— Pare de me chamar dessa coisa.

— Coma, Simone.

Fiz como pediu, ele me serviu e a fome, que achei que não tinha, se manifestou. Peguei meu próprio talher, me servi e comemos juntos, trocando olhares e apreciando a comida.

— A minha funcionária teve uma aula exclusiva com meu primo. Está impecável o ponto da carne e o tempero do arroz. — Ele limpou a boca com o guardanapo.

— Primo?

— Diogo de San Marino. Ele é um parente que muitos não gostam de citar. Eu não me importo, ele é um cara do bem, independentemente da família materna.

— Eu sou como ele. Na verdade, não sei, nunca conheci ninguém da minha família. — Dei de ombros e também limpei meus lábios com o guardanapo. — Minha mãe era prostituta.

— Como foi viver em um mundo sexualizado?

— Já tive essa conversa com a terapeuta e estou sensibilizada demais para voltar a esse canto sombrio da minha vida. — Levantei-me e ele fez o mesmo. — Obrigada, Marlon.

Estendi a mão e ele a encarou antes de pegar e chacoalhar com leveza. Havia uma pergunta em seu olhar, mas não quis decifrar, precisava me afastar de tanta educação e serenidade.

Soltei-o, mesmo que meu corpo protestasse querendo mais, se arrepiando com o contato. Dei a volta na mesa e fui para a porta da cozinha, esquecendo a educação e de guardar a comida na geladeira.

— Boa noite, Simone, até amanhã.

— Boa noite — respondi com um murmuro, fui para o meu quarto e me refugiei no único lugar que parecia seguro.

Abri a cortina, empurrei a janela para o lado e deixei que o ar refrescasse minha pele e pensamentos. Se eu me permitisse ter uma vida doméstica com Marlon, logo estaria enjoada e fugiria. Eu não sabia terminar as relações, eu apenas abandonava.

Como minha mãe.

Droga! Odiava me parecer tanto com ela, em cenários diferentes. Quanto mais rancor eu alimentava, sobre o meu passado, mais eu o repetia.

Fechei os olhos e deixei minha imaginação fluir. Um dos exercícios que tinha aprendido na terapia era que eu poderia saciar o meu lado não saudável com pensamentos. Se eu não pudesse mudar quem eu era, pelo menos, tinha que aprender a conviver.

A pior das punições e agressões, eram aquelas que eu fazia comigo mesma, me julgando.

Imaginei Marlon se aproximando por trás, parando bem próximo de mim e alisando meus braços. Seus dedos tinham uma força magnética, que me faziam ansiar por estarem entre minhas pernas, se movimentando, esfregando e pressionando.

Ele afastaria o cabelo do meu pescoço, deixaria beijos cálidos no início, para me provocar. Depois, seguiria para mordidas e chupões, descendo uma das mãos pelo meu corpo e levantando o vestido para encontrar minha calcinha encharcada.

A cada mordida em meu pescoço, ele esfregaria meu clitóris. Sugaria com a boca, circularia com os dedos, depois os colocaria dentro de mim. Ao bombear de forma agressiva, minha vagina incharia e facilmente encontraria meu ponto G. Esfregando com força, eu gemi, Marlon me apertaria intenso e eu gozaria como naquela noite.

Joguei a cabeça para trás e me deixei levar pelo orgasmo, sentindo os dedos vorazes dentro de mim. Eu imaginei o homem, mas quem executou fui eu. Sem violência, nenhum chupão ou mordida para ocultar.

Controlei a respiração, fechei a janela e liguei o ar, antes de voltar para a cama. Tirei a roupa, gostava de ficar nua para dormir, ainda mais quando estava em um local seguro. Sozinha.

Olhei para a porta e esperei, não sabia explicar o quê. Quando percebi que o sono não viria tão facilmente, busquei o controle da televisão e voltei a escutar a playlist do momento inesquecível que tive com Marlon.

Revivi o sexo, os orgasmos e as posições. De quatro era gostoso, mas sua boca na minha boceta tinha sido o ápice. Não fizemos de frente, queria minhas pernas e braços livres, para tocá-lo e apertá-lo como ele fez comigo.

Peguei no sono em meio à luxúria. Talvez, eu não conseguisse me livrar desse lado tão cedo.



Marlon
DE SAN MARINO

Capítulo 4

Levantei a caneca com café e inspirei o aroma por segundos antes de tomar alguns goles. Encarei a vista do meu apartamento, a escuridão e a tempestade que reinava minha alma.

Estando na sacada, com o notebook aberto na mesa de madeira, observei a última mensagem enviada por Lídio da Irmandade Horus, aqueles que estavam lidando com a minha segurança pessoal e destruição de Oscar Daddy.

Lídio>> Não conseguimos nenhuma declaração com as mulheres que se envolveram com ele anteriormente. Na polícia, o arrombamento no apartamento de Simone está encerrado como vandalismo de morador não identificado. Continuamos trabalhando nisso, peço um pouco mais de paciência.

Eu já tinha esgotado todas as cordas do meu equilíbrio. Estava prestes a me armar e colocar meu treinamento militar em prática, porque eu não deixaria Simone em cárcere, mas não a deixaria solta sem proteção.

Larguei a caneca de café, digitei apressado e esperei a resposta.

Marlon>> Está precisando de recurso extra para a execução?

Lídio>> Não somos caçadores. Fazemos o necessário, sem ultrapassar limites desnecessários. Nós encontraremos uma brecha.

Marlon>> Precisa ser rápido.

Lídio>> No tempo certo. Aguarde novas informações, Jay já foi atualizado e poderá fornecer mais esclarecimentos.

Filho da mãe! Fechei a tela do notebook, virei o rosto e encontrei Simone com os braços cruzados me encarando do meio da sala. Respirei fundo e suavizei o olhar, ela parecia receosa demais para dar o passo até mim, sem ser convocada.

— Katherine comentou que você gosta de frutas. Ela providenciou todas da lista. — Voltei a tomar meu café, sem tirar os olhos dela. A porta que dava acesso à sacada estava aberta e ventava o suficiente para balançar seu cabelo.

— Amanhã tenho consulta.

— Sim. Concluí todas as minhas atividades para te acompanhar.

Alguns dias se passaram desde a sua chegada em meu apartamento, as poucas marcas salientes na sua pele indicavam

que estava se recuperando superficialmente. Ela era minha preocupação constante, trabalhava de casa o máximo que conseguia, para estar disponível. Conversamos pouco, almoçávamos juntos, ela se mantinha escondida em seu quarto a maior parte do tempo.

Patrícia e Rômulo vieram conversar, mas os dispensei, a pedido silencioso de Simone. Ela tinha vergonha dos seus desejos, das suas ações e seu passado. Eu não me importava, desde que ela me incluísse em sua vida para ajudar.

Não sabia explicar o motivo da fascinação por aquela mulher. Talvez fosse o sexo ou apenas aquele olhar que se ligava a todo o meu ser. Buscava sucesso profissional e nada mais, até que a carreguei machucada em meus braços.

Meu instinto protetor estava no comando e se tornou parte da minha vocação.

Simone se aproximou de onde eu estava, ainda com os braços cruzados. O vestido solto que usava instigava a minha imaginação, que me dava um pouco de ação durante o banho. Ergui a sobrancelha quando se sentou à minha frente e me encarou determinada, os hematomas em seu rosto estavam quase imperceptíveis, expondo sua beleza inigualável.

— Preciso de você para outra coisa, Marlon.

— Sim? — Tomei todo o café e pousei a caneca em cima da mesa, para estar completamente atento a ela.

— Você é um bom homem, certo?

— Meus concorrentes não pensam assim. — Sorri com sarcasmo e ela revirou os olhos.

— Não é como Oscar Daddy, não é como nenhum outro com quem me relacionei.

— Ah, isso é verdade. Eu sou único e inesquecível. — Ajeitei-me na cadeira, ficando ainda mais ligado do que o necessário. Não transaria com ela estando tão fragilizada. Além do obstetra, ela se consultaria com um terapeuta.

— Presunçoso como todos os outros, mas não maldoso. Você não avançou o sinal em nenhum momento desde que cheguei aqui.

— Seu padrão de homem está fora do normal.

— Provoquei. Estava disposta a ser usada.

— Você merece mais.

— Eu sou problemática.

— Não diga isso.

— Tentei me reajustar e ser uma pessoa decente, mas agora eu tenho um bebê a caminho e queria fazer diferente. — Fechou os olhos e negou com a cabeça, soltando os braços cruzados. — É loucura, mas preciso tirar isso dos meus pensamentos.

— Se estiver ao meu alcance, com certeza eu farei, Lótus.

— Por que me chama assim? — Abriu os olhos e externou seu medo em minha direção. Ela não estava acostumada com carinho, nem eu, mas com ela, tudo fluía contra a maré de caos.

— Como te disse, você gosta de ofuscar sua beleza, mas é tão linda e vibrante quanto uma flor que nasce na lama.

— Não somos nada para você me dar apelidos.

— Culpe Rômulo. — Dei de ombros, debochando. — Ele está apaixonado e me contagiou com seu lado romântico. Patrícia quer te ver, mas não forçarei a aproximação até que você esteja preparada. Somos aliados, não rivais.

— Eu... — Pressionou os lábios e controlou a emoção, seus olhos se encheram de água. — O que eu estava falando mesmo?

— Fazer diferente.

— Sim! — Ela sorriu, mas logo voltou a deixar o lado sombrio tomar conta. — Fiz uma lista, de homens com quem me relacionei enquanto estava com Oscar Daddy. Não são muitos, talvez sete... Tenho o nome, sobrenome e onde trabalham. — Desviou o olhar, envergonhada. — Queria saber como eu poderia me aproximar deles e descobrir quem é o pai do meu bebê.

— Não acha que é de Oscar?

— Preferia que não fosse, mas... eu só queria que ele ou ela nascesse sabendo pelo menos o nome. É muito ruim ter esse

campo vazio nos nossos registros oficiais. Não é pela pensão, nem herança, só um nome.

— Vocês transavam sem camisinha?

— Preferia não comentar sobre isso. Estou nervosa e me sentindo humilhada ao te pedir tal missão.

Dobrou os braços na superfície, colocou a cabeça em cima e começou a chorar. Por um momento observei em choque, analisando suas palavras e refletindo sobre a real motivação do seu pedido.

Ela não queria ser como a mãe prostituta. Saber quem era o pai da criança a distanciaria das suas raízes. Não era só vergonha que Simone tinha, mas culpa. Solidão.

Abri o notebook e olhei para os arquivos que tinham todas as informações pessoais da mulher à minha frente. Não havia como saber quem era o seu pai, mas com certeza, descobriríamos do seu filho.

A vontade de consolá-la com um abraço ou a carregar no colo era grande. Tive que me conter, porque a sua confiança era valiosa demais para perder. Ela precisava pedir antes que eu agisse sem seu consentimento verbal.

Algo parecia faltar em meio a minha necessidade de ajudar, mas ignorei. Abri um bloco de notas virtual, virei o dispositivo eletrônico para ela e esperei que se recuperasse.

— Tudo bem, Simone. As pessoas que eu tenho contato poderão conseguir algum DNA para o exame, de forma improvisada. Quando descobrirmos quem é o pai, você decide se falará com ele ou não.

A mulher ergueu a cabeça e limpou as lágrimas, meu coração se apertou por conta da sua angústia misturada com esperança. Piscou várias vezes e encarou a tela, tomando coragem para digitar.

— Você disse *quando*, não *se*. Acredita que eu o encontrarei ao invés de ter um resultado inconclusivo.

— Ele não foi feito sozinho. Precisa de um espermatozoide e um óvulo para que esse bebê aconteça. Então sim, encontraremos o pai do seu filho.

Ela digitou, trocava olhares comigo e escondia o sorriso. Para provocar, deixei que minha arrogância se sobressaísse através da minha postura.

— Não precisa me agradecer agora.

— A única coisa que eu faço bem é foder. — Ela afastou o notebook e o empurrou para mim. — Pensei que era diferente dos outros.

— E sou. Enquanto você pensa em sexo, eu visualizo um jantar, conversar e apreciar um bom vinho. — Olhei para baixo, em direção à sua barriga. — No seu caso, um suco de uva. Conhece a marca Bortolini?

— Isso não é pagamento. Desse jeito, vou te dever o resto da vida.

Deixei que o silêncio respondesse por mim. Não tinha nada a ver com retribuir, nem equilibrar a relação, mas ofertar algo único para uma alma judiada. Minha recompensa viria de outra forma.

Simone
MULLER



Capítulo 5

Ainda estava incrédula por saber que Marlon me apoiava e nem questionou, muito menos debateu sobre eu querer saber quem era o pai do meu filho.

A confiança que eu depositava nele estava alcançando níveis perigosos. A excitação era descontrolada, eu já estava subindo pelas paredes, porque não tinha um homem sobre mim.

Odiava ter que lidar com todas as minhas versões e sentir que nenhuma delas era boa o suficiente. Precisava de pressão, violência e sexo... na verdade, eu precisava voltar para a terapia.

Equilíbrio. Centrada. Uma mãe perfeita.

Dentro do carro, a caminho do consultório, estendi a mão e toquei a de Marlon em cima da sua perna. Ele apertou meus dedos e sorriu sem me encarar, me proporcionando mais apoio do que imaginava.

“Você amarra asas nas minhas costas.

E se eu acredito nisso,

Você não vai me deixar dosar você.

Seu amor é como heroína.”

Hollow City – Love Like Heroin

Engoli em seco quando estacionou e não soltou da minha mão. Nem eu queria, estava bom demais daquele jeito. Meu corpo esquentava, o coração acelerava e meu ventre se contraía.

Sexo em locais públicos era o que eu mais gostava e queria fazer com Marlon. Mas... ele dava todos os indicativos de que lutaria contra essa atração. Talvez, eu não fosse suficiente.

— Sua mão está suando — ele comentou, brando.

— Estou nervosa. Às vezes me pego duvidando que exista um bebê sendo gerado em mim. Não tenho sintomas.

— Você sofreu um trauma.

— Exatamente, ele pode ter...

— Eu vi o ultrassom. Estava tudo bem com o bebê. Faltava, apenas, você se recuperar.

— E se...

— Não. — Levou minha mão para seus lábios e deixou um beijo casto. — Vamos falar com o obstetra. Depois eu te espero falar com o terapeuta e, no fim, vamos ao laboratório colher um pouco de sangue para o exame de DNA.

— Você vai mesmo encontrar o pai do meu bebê? — Por mais que ele tivesse prometido, eu ainda não me sentia segura.

— Claro.

Ele saiu do carro e eu fiz o mesmo. Veio para o meu lado, colocou uma das mãos nas minhas costas, mas eu trouxe seu braço para mim como uma tábua de salvação. Olhei para os lados e lembrei que um capanga de Oscar poderia estar por perto.

— Nada nem ninguém irá te ferir. Eu estou por perto.

— Você se acha o super-herói?

— Meu superpoder é o olhar molhador de calcinhas. — Piscou um olho para mim e eu ri. — Tenho certeza de que está se derretendo por mim, Simone.

— Não precisa de muito para me excitar, bonitão. — Bati no seu peito e começamos a andar em direção à entrada da clínica. — Eu só penso em sexo, lembra?

— Por isso que estou indo pelo caminho mais difícil. — Aproximou sua boca do meu ouvido. — A boceta pode estar pronta, mas seu coração ainda não.

Promíscuo e fofo, ele nem precisava de esforço para alcançar profundezas que nunca explorei. Romance e amor, eu tinha orgulho de ser independente de afeto. Sexo pelo sexo, apenas isso.

Entramos na recepção, muitas grávidas estavam aguardando serem atendidas. Aquele mundo era diferente, algo que nunca cogitei e nem me sentia digna de fazer parte.

Fiquei intimidada e calada, mas Marlon assumiu à frente com a atendente. Havia mais de um médico atendendo, por isso eu fui chamada rapidamente. Acreditava, também, que o poder que o San Marino tinha era maior do que eu havia pesquisado.

O doutor tinha todos os meus exames, era o mesmo que tinha me atendido no hospital. Atencioso e muito paciente, ele me explicou o que cada um significava. Minhas vitaminas estavam baixas, a glicemia estava alta. Nenhuma infecção ou doença que pudesse afetar o bebê, para meu alívio.

— Tome bastante líquido e continue fazendo as mesmas atividades de antes da gestação. Nem a mais, nem a menos. — O médico se levantou e indicou a porta atrás dele.

— Acho melhor não, doutor. — Estava me referindo ao sexo, era a única atividade que eu fazia anteriormente.

— Fique confortável, não se limite. Por último, vamos fazer um ultrassom para escutar o coração do bebê?

Levantei-me apressada e o acompanhei. Quando troquei de roupa e me deitei na maca, me surpreendi com a presença de Marlon ao meu lado. Ele observou e não respondeu nada por mim. Impossível não sorrir para ele e buscar sua mão, novamente. Poderia não ser um amante, mas com certeza iria virar um amigo querido.

O obstetra passou gel condutor na minha barriga, as imagens disformes apareceram no monitor e meu coração acelerou. Mil e uma perguntas, possibilidades e pensamentos negativos

invadiram o momento. Prestes a chorar, tudo foi embora quando um som grave ecoou pelo consultório.

— A estimativa é de dez semanas de gestação. O tamanho e o peso estão de acordo com o tempo, de acordo com a última menstruação. Vou passar o calendário de exames periódicos e consultas mensais, está tudo bem com o seu bebê, Simone.

Fechei os olhos e esmaguei os dedos de Marlon, meu filho estava bem e vivo. Céus, por que eu merecia tal presente?

— Está tudo bem mesmo com o bebê?

— Sim.

— Não tem chance de...

— Olha, Simone. A medicina não é uma ciência exata. Cada corpo é um templo a ser estudado individualmente, por mais semelhanças que existam. O seu caso merece atenção, tanto da minha parte quanto psicológica. Seu histórico requer atenção, apenas isso, não há necessidade para medos ou bloqueios. Opto por não trabalhar com suposições que possam gerar ansiedade, apenas quando realmente necessário.

— Ou seja, estamos bem.

— Sim, vocês ficarão melhor se cuidar da alimentação, vitaminas e a saúde mental.

— Ok.

— Mais alguma dúvida?

— Tem alguma restrição quanto ao... sexo, doutor? Quero dizer, anal, oral... —

— Se for da sua vontade e não tiver nenhum incômodo, não há contra recomendação. Como te disse, continue a fazer tudo o que fazia, antes da concepção. — Sorriu carismático e passou o aparelho na minha barriga um pouco mais. — Seu corpo mudará. Se prestar atenção e seu parceiro for cuidadoso, os hormônios contribuirão para tornar tudo melhor. Estar grávida não é ficar doente, apenas um estado de atenção. E não se esqueça do outro acompanhamento. Certo?

— Pode deixar.

Foi a vez da mão de Marlon suar, mas eu não a larguei até que o exame fosse concluído. Transar deixou de ser prioridade, mas por outro lado, era um hábito que eu ainda não tinha desapegado.

Como me livrar de uma mentira dita por tanto tempo que se tornou verdade? No meu caso, buscando ajuda especializada.

Simone
MULLER



Capítulo 6

A conversa com a terapeuta não foi legal. Algo nela me incomodava, como o ambiente e os objetos que ela tinha em sua estante. Não me senti confortável e no fim, quando ela perguntou sobre o que achei, se tinha algo a dizer, eu falei:

— Acho que lembrei o motivo de ter parado a terapia. Não está funcionando para mim.

— Você não se identificou comigo e está tudo bem. — Ela sorriu sem graça, se levantou e foi até sua mesa mais ao fundo. Minhas pernas se mexeram no sofá, a terapeuta voltou com um cartão. — Essa é uma colega de profissão e alguns dos meus encaminhamentos se identificaram com ela. Terapia é assim mesmo, encontrar alguém que você pode confiar o tratamento.

— Não está ofendida? — Peguei o papel e uma forte vontade de chorar quis me derrubar.

— Meu lado pessoal tem suas questões a serem resolvidas e eu dou conta da sua negativa. A profissional que está à sua frente, a serviço da sua recuperação, entende que não serve, mas pode ofertar outro. — Ela voltou a se sentar e franziu a testa, percebendo minha mudança de temperamento. — A rejeição também dói naquele que a faz.

Levantei-me abruptamente, a terapeuta tentou me impedir de sair da sala naquele estado, mas eu fui, pisando firme e esquecendo que eu estava acompanhada.

— Simone!

Eu andei, ignorei a voz masculina e passei por corredores e salas. As lágrimas escorreram pelo meu rosto e uma lamentação sofrida queria sair. Se eu já tinha chorado antes, com certeza não era como aquele. Não sabia explicar, apenas que as últimas palavras daquela mulher me doeram mais do que contar que eu via minha mãe com seus clientes. Ou mesmo que muitos já me tocaram e eu só descobri que era errado, quando saí de casa e conversei com outras mulheres. A violência não tinha sido física.

Só parei de andar quando cheguei ao estacionamento e encontrei o carro de Marlon. Apoiei minhas mãos no capô e deixei as lágrimas caírem no ritmo delas. Chorei, como a criança que nunca se sentiu protegida e pela adulta que estava perdida em suas vontades.

Mãos tocaram meus braços e me virei, buscando apoio e refúgio no corpo de Marlon de San Marino. Ele era forte, carinhoso e sarcástico, meu novo objeto de desejo.

Ergui a cabeça, segurei em suas bochechas e o trouxe para mim. Beije sua boca, o salgado das minhas lágrimas se misturou com seu sabor forte de desejo e luxúria. Não era difícil me excitar, mas a sensação me alcançou de uma forma diferente, com uma paixão que nunca tinha experimentado.

Todos com os quais transei, eu não tinha apego emocional. Com Marlon, eu queria me entregar de corpo e alma, se ele me desse a oportunidade.

Suas mãos apertaram minhas costas, seus lábios tomaram o comando e me conduziram com lentidão. A língua dele era habilidosa, explorava e excitava na mesma proporção. Tentei acelerar, apertei seu pescoço com meus braços, disposta a fundir nossos corpos. Ele riu do meu desespero e eu despertei, afastando-me de passar mais vergonha do que já estava.

— Calma, você está triste. — Ele afastou meu cabelo do rosto e limpou minhas lágrimas. — Não reclamaria de ser o seu consolo, um objeto sexual que você usa para se sentir bem, mas eu me preocupo com você.

— Desculpa. — Olhei para baixo.

— Não estou parando, apenas exercitando a paciência. — Tocou meu queixo e ergueu meu rosto. — Como foi lá dentro?

— Eu disse que... — Pisquei e lágrimas escorreram, eu nunca conseguiria afirmar em voz alta que rejeitei a terapeuta e isso me doeu.

— Foi difícil. Entendi. Está com fome?

— Sim. — Engoli em seco e voltei a aproximar meu rosto do dele. — Também estou excitada. Quero transar com você, Marlon.

— Ninguém pode dizer que você não é obstinada, está sempre dizendo o que quer. — Segurou firme na minha nuca, com a

outra mão, apertou minha bunda debaixo do vestido e me dominou.
— Eu também quero você e te ver desabrochar no meio da lama, Lótus. Mas estamos em um estacionamento e com muitos olhos em nós. Vamos para casa. Coma, descanse, então prepararei um banho de...

— Não. — Pressionei os lábios, querendo dizer o que realmente ansiava, mas com medo dele fugir. Ao mesmo tempo que o queria longe, porque eu sabia que era tóxica, inclusive, para mim.
— Vamos fazer aqui, foda-se quem está olhando.

— O que você queria falar?

— É isso.

— Hesitou. Vi a tempestade em seus olhos e a máscara. Está fragilizada e buscando sua droga favorita para amenizar a dor. Sexo te traz isso e eu posso ser aquele que te protege enquanto aprende a lidar com o vício.

— O que você ganha com isso?

— Orgasmos e boquetes — soou arrogante.

— É muito esforço para me agradar.

— Você só precisa entender que estamos conectados. Meu pau anseia pela sua boceta e minha mente doentia quer entrar no seu coração, porque sim. Eu não preciso de mais justificativas, além dessa.

— Para depois descartar.

— Então, você se recupera e vamos fazer tudo novamente. Exaustivamente. Há peças de quebra-cabeças que não se encaixam em nenhum desenho, Lótus. Você é a minha e eu não vou te soltar. Irei cuidar, idolatrar e nos beneficiar com endorfinas produzidas pelo sexo.

— Você é louco.

— Quer trepar comigo? — ele aproximou seus lábios do meu ouvido e sussurrou: — Me conte seu desejo mais sombrio que eu irei realizar. Com segurança e todo o meu tesão a seu serviço.

Engoli em seco e meu corpo se arrepiou quando deixou o nariz deslizar pela minha bochecha. A mão debaixo do vestido brincou com minha calcinha, mergulhou até minha boceta e esfregou a umidade por cima, para me fazer gemer.

Eu não iria contar ainda o meu maior desejo. Mesmo com Oscar, que eu me sentia confortável, não tinha revelado. Marlon era um sonho de homem, o suficiente para foder sem abrir meu coração.

— Me leve para casa. — Afastei-me e segurei na maçaneta do carro. — Preciso agendar outra consulta, se for possível. Tenho que me controlar.

Foi engraçado vê-lo piscar várias vezes. Colocou a mão na virilha, gemeu e suspirou, tendo que controlar a ereção que estava explodindo em sua calça.

— Acho que confundi as coisas. Pensei que queria transar. Se te toquei indevidamente, sinto muito, Simone. — O jeito robótico que abriu a porta e os ombros tensos foram suficientes para lhe mostrar que o problema era eu, não ele.

Entramos no carro, não coloquei o cinto, apenas esperei que ele desse partida e acionasse o ar-condicionado. Estendi a mão para alcançar o botão da sua calça e ele se assustou.

— Simone?

— Sim.

— O que pretende?

— Te fazer ganhar. — Peguei no seu membro, apertei a base e me inclinei para frente, sugando e lambendo, dando o seu boquete de pagamento.

Pela primeira vez na vida, eu queria retribuir. Mesmo que isso me transformasse na prostituta que eu tanto repudiei, lidaria com as consequências em outro momento. Marlon gemia, apertava meu cabelo com força e me conduzia, forçando o meu foco a ser apenas nele.

— Que adolescente desesperado, já vou gozar, Simone. Eu queria...

— Faça, eu tomarei tudo.

Ergui o olhar e nos encaramos enquanto ele esporrava em minha língua. A mistura de sabores, da sua boca, minhas lágrimas e

seu fluído me fizeram estremecer de desejo. Poderia não ser um orgasmo, mas me fazia sentir igual.

Lambi até a última gota, guardei seu membro e ajeitei a roupa. Coloquei o cinto e suspirei, fechando os olhos e apoiando minha cabeça no encosto do banco. Não queria olhar ao redor e descobrir que alguém nos viu e julgava, queria preservar aquela sensação. O silêncio nos proporcionava os melhores momentos de conexão, depois do ápice.

Aquele tinha sido especial. Único. Meu. Nosso.

— Vamos para casa — sussurrou com rouquidão e colocou o carro para andar.

Percebi, enquanto chacoalhava suavemente, que já considerava seu apartamento o meu lar. Foi nele que pensei quando ouvi suas palavras. Não havia medo, apenas culpa de estar sendo feliz e não me sentir merecedora.

Simone
MULLER



Capítulo 7

O clima entre nós suavizou. Chegamos para o almoço, Katherine fez lasanha com molho branco e vermelho. Anunciei minha nova dieta, pensando no bebê, ela se prontificou a buscar receitas para reduzir o açúcar e carboidratos. Humilde e querida, tentei não me iludir em fazer uma amizade, por mais que ansiasse.

— Você disse que resolveu as pendências da empresa para ficar comigo hoje, certo? — Estávamos saindo da sala de jantar.

— Sim. — Tocou minhas costas e relembrei o que fizemos no carro. Eu estava me punindo ao não dar voz para minha libido. — Aqui, podemos fazer o que quiser.

— Um filme. — Parei de andar e me virei, fingindo animação. — Será que podemos só ficar na sala e descansar?

— Não era esse tipo de ação que achei que você queria, mas tudo bem.

— Decepcionado?

— Surpreendido. — Piscou um olho.

Sua mão buscou a minha, entrelaçou os dedos e me levou até a sala de televisão. Soltou-me para ligar o aparelho, pegar o controle remoto e se jogar no sofá confortável, estendendo o braço.

Ele me convidava para ficar ao seu lado, mas eu sabia que o montaria com tal proximidade.

— Posso me deitar no chão?

— Claro. Aqui a almofada. — Colocou uma aos seus pés e me estiquei, alisando minha barriga e pensando no bebê. Perder o foco estava fácil para mim, mas isso não me impedia de tentar voltar, sempre.

— Você o sente?

— Não. Mesmo com o exame e ouvir as batidas do coração, parece um sonho.

— Você já tinha pensado em ser mãe antes?

— Nunca me senti merecedora. Não sou boa influência.

— Mas quer ser.

— Vou tentar fazer um pouco diferente. Há coisas em mim que não posso mudar, apenas atenuar. Comecei pelo nome do pai.

— Gostar de sexo não é algo ruim, Simone.

— É um vício, vinculado à minha história familiar. — Continuei alisando a barriga e encarei a televisão. — Já ouvi que eu não poderia usar o passado como desculpa para os meus atos. Que se ajo como prostituta, é porque eu quero, não porque eu fui criada em um ambiente inadequado. Tenho que pagar pelas minhas escolhas.

— Quem foi a pessoa cruel que te disse isso?

— Não importa. Todo mundo já sofreu com algo na vida. Não se compara a dor, aprende a lidar. No meu caso, eu vivo uma guerra interna, entre me sentir bem sendo como a minha mãe e precisar agir como a sociedade acha que é o certo.

— Esqueça o que os outros vão falar, apenas faça. A Festa da Luxúria foi uma das formas que encontrei para vivenciar o sexo e oferecer às mulheres o prazer que todas elas acham que não merecem.

— Pensei que fazia pelo boquete. — Virei a cabeça e sorri com sarcasmo, ele retribuiu, mostrando os dentes e me seduzindo apenas com aquela expressão facial.

— Ah, eu faço para o meu prazer. Parte dele está em ver minha parceira em êxtase. Nada melhor do que se sentir livre e capaz de realizar todos os seus desejos. Por isso você me atrai tanto, Lótus. Você é sexo, paixão e sentimento, de forma intensa.

— Chegou a essa conclusão com apenas um boquete?

— Não acredita em amor à primeira chupada?

— Apenas se ela for feita em mim primeiro.

Depois daquela conversa e me divertindo no silêncio que se formou entre nós, eu me apaixonava um pouco mais por Marlon de San Marino.

Quando o filme terminou e começou outro, eu me levantei para ficar ao seu lado. Não demorou muito para que eu segurasse seu rosto, virasse para mim e o beijasse. Com luzes apagadas e apenas a televisão iluminando, eu me renderia ao desejo sem julgamento.

— Será que posso te foder do meu jeito, Marlon? — Soltei seus lábios para chupar seu pescoço e próximo da orelha. — Será que você me dará a honra de te dominar?

— É isso que te excita?

— Não. Quero brigar pelo poder, sentir sua força acima da minha, para que eu não resista a você. Seja firme, me faça te obedecer mesmo que eu negue. Você dá conta disso?

— Apenas se me prometer fazer do meu jeito na próxima vez. — Sua mão foi para a minha nuca, prendeu meu cabelo com força e me encarou. — Serei o seu algoz hoje, para amanhã, ser aquele que te mostrará outra forma de sentir prazer.

— Carinho não me excita.

— Se é um desafio, eu o aceito. — Aproximou-se para chupar meu lábio inferior. Fechei os olhos e gemi, tentei sair do seu agarre, mas ele tinha entrado no personagem, me firmando no lugar. — Fica quietinha, eu decido como será.

Forcei-me para cima dele, esfreguei meu quadril e devorei sua boca, com fome e violência. Nossos dentes se chocaram, inclinei o rosto e nos encaixei melhor enquanto eu rebolava cada

vez mais no seu colo. Suas mãos apertaram minhas coxas, depois deslizaram para debaixo do meu vestido, puxando minha calcinha e apertando minha boceta e entre as nádegas.

— Vá devagar — rosnou, beijando meu pescoço.

— Vou te montar, te foder e te gravar dentro de mim. — Pulei no seu colo algumas vezes, sentindo sua ereção, depois voltei a me esfregar. — Do jeito que está, vai gozar rapidinho como fez no carro.

— Porra!

— Será que você dá conta? — Mordi seu pescoço e depois chupei, ele gemeu alto, apertando minha bunda com mais força. — Vai continuar delicado até quando, bonitão? Eu não sou de cristal.

— Mas é um tesouro que eu vou cuidar. — Ele afastou meu corpo, segurou na gola do meu vestido e o abriu bruscamente, rasgando-o agressivamente. Abaixou o bojo do sutiã e colocou o seio na boca, sugando com força, sedento por me comer sem delicadeza.

Era assim que eu queria.

Com sua atenção em meus seios, eu abri sua calça, liberei seu pau e afastei a minha calcinha para o lado. Ele nem percebeu quando me encaixei, subindo e descendo, apertando apenas a glândula e estimulando o meu ponto G.

Gritei de prazer quando ele mordeu meu ombro; subi e desci, minhas coxas estavam pegando fogo pelo esforço, mas a dor

se transformava em êxtase. Rebolei a cada movimento vertical, encarava-o de forma promíscua e de boca aberta, para não perder o fôlego.

Marlon jogou a cabeça para trás e pressionou os dentes com força, estava difícil manter o equilíbrio comigo daquele jeito. Parei tudo e esperei que voltasse a me encarar, sua respiração descompassada me encheu de tensão.

— Puta merda!

— Achei que iria brigar pelo poder.

— Você estava se divertindo.

— Não, estava perdendo a graça.

Eu ia sair do seu colo, ele entendeu o que eu queria. Virou-nos para me deitar no sofá enquanto ficava por cima. Meteu e investiu em mim, como um selvagem preso descobrindo o sexo pela primeira vez.

Segurou em meus pulsos, levantou meus braços e me prendeu. Minhas pernas envolveram seu quadril e ele não parou um segundo enquanto eu estremecia com o orgasmo. Dentro de mim, ele estimulava o ponto certo, mesclado a seu domínio, eu encontrei o ápice.

— Eu não acabei com você. Olhe para mim — ordenou, severo.

Meu sorriso de escárnio tinha tudo a ver com a luxúria. Tentei me livrar do seu agarre, ele apertou ainda mais meu pulso e continuou a meter, bater sua pélvis contra mim.

Marlon se curvou, a boca ampla e exploradora foi para o meu seio. Sugou descompassado, depois se resumiu ao bico, mordendo-o o suficiente para me fazer ver estrelas.

— Oh, Marlon. Isso! — Eu gozava mais uma vez.

Para meu encanto, ele me preenchia com sua porra e cutucava uma memória que eu tinha guardado como algo valioso. Seus lábios foram para os meus e tomei seus gemidos, focando no presente.

Marlon estremeceu e deixou o peso do corpo em cima do meu, exausto com a performance mesclada à tensão psicológica que impus. Alisei suas costas e suspirei, eu tinha gostado e nem estava dolorida.

— Missão cumprida, Bonitão — murmurei e ele riu, seu ego tinha se inflado.

— À sua disposição, Lótus.

Simone
MULLER



Capítulo 8

Senti falta do seu corpo quando ele me soltou e se afastou. Começou a se despir sem desviar o olhar, alternando para meus seios expostos e o vestido rasgado.

— Acho que exagerei.

— Eu aguento muito mais. — Remexi para puxar minha roupa para cima e a retirar pela cabeça. — Não precisa de alguns minutos para se recompor?

— Consigo fôlego enquanto chupo sua boceta. Você precisa de um momento.

— Talvez um banho, ou vai sentir o próprio gosto enquanto me dá um orgasmo. Não me importo.

— Tenho uma banheira, vamos lá.

Ele se livrou da camisa social, envolveu seu braço debaixo de mim e nos levantou com habilidade. Abracei-o com minhas pernas e apertei seu pescoço enquanto ele caminhava para fora da sala e em direção ao seu quarto.

Já tinha explorado o local, mas nunca me demorei, para não invadir a privacidade daquele que estava cuidando de mim. Marlon sabia ser um salvador com viés safado, que cobraria um preço promíscuo ao mesmo tempo que não me obrigaria a nada.

Estava apreciando cada segundo ao seu lado.

Acendeu a luz do cômodo gelado e me colocou no chão, o ambiente estava convidativo para o sexo. Senti seus fluídos escorrerem pela minha perna, tirei a calcinha e fui até o registro da água, agachei e o girei para abrir.

— Você pode colocar uma música de fundo? — perguntei, testando a água para uma temperatura agradável para mim. — Não quero que Katherine me escute gemer alto.

— Ela não vai se incomodar, é paga para se retirar quando for necessário.

— Costuma foder aqui? — Tentei esconder meu ciúme, mas foi em vão. Seu riso arrogante era um desafio a ser aceito enquanto eu me levantava para ignorá-lo dando-lhe as costas.

— Algumas são interessantes para serem levadas além da festa da luxúria. — Ele se aproximou, tocou meus braços e deixou o calor do seu corpo conversar com o meu. O barulho da banheira enchendo, seu cheiro e o frio ao redor estimularam meus sentidos. — Eu queria ter sido aquele que se aproximou primeiro de você.

— Sempre estive com Oscar. Nunca o traí. Ou melhor, nunca fiz nada que não tivesse o consentimento dele.

— Você gosta de ser mandada?

— Na hora do sexo, sim. Dominada. Subjugada. — Respirei fundo e meu núcleo reagiu à confissão. — Eu aguento muito mais do que você fez. Não sou tão delicada como você acha.

— E eu irei cuidar de você como o meu tesouro. — Beijou meu ombro com suavidade, sendo que eu queria chupões e mordidas. — Posso exigir o cumprimento da promessa?

— Qual?

— Eu fiz do seu jeito, agora eu quero te apresentar o meu.

— Vamos mais uma vez, por favor. — Sua mão deslizou pela minha lateral, encontrou meu seio e massageou-o, suave. — Estou tremendo e pronta para implorar que me aperte mais.

— Não gosta assim? — Sua outra mão foi para o outro seio e continuou a tortura. Era suave demais, os dedos ásperos só me incitavam ao invés de atender ao meu desejo. Algo dentro de mim dizia que estava errada, por mais que eu estivesse gostando. — Será que você não quer tentar?

— Quero, mas...

— Entendi. — Apertou os bicos, abruptamente. Segurei minha respiração pelo susto, ele pressionou nossos corpos e sua ereção já estava pronta para mim novamente. — Tome uma ducha.

Ele se afastou e tive um surto, virando em sua direção e segurando em seu pulso. Poderia me resolver com masturbação, mas eu queria que suas mãos, boca e o resto do corpo atendessem ao meu chamado.

— Aonde vai?

— Colocar a música que você pediu, Simone. — Puxou-me para que eu trombasse com sua frente. Segurou forte na minha nuca e o cabelo da região, beijou-me feroz e me soltou abruptamente. — Faça como mandei, ou começarei com minha mão marcando sua bunda.

— Eu preciso ser colocada na linha.

Ele saiu do banheiro e eu fui para a ducha, animada com a promessa de alguns tapas. Flashes do que me aconteceu e que me

levaram para o hospital quase tiraram o meu tesão. Então, as consultas do dia encheram minha mente, eu estava me tornando uma bagunça.

Antes de me perder, a batida perfeita para o que estávamos prestes a fazer soou e eu esqueci tudo o que me assombrava. Sexo era o que eu precisava para me colocar nos trilhos, mas nem sempre me conduzia para um lugar que eu desejava.

“Abre os meus olhos

Sua luz ardente

Abre os meus olhos

Sua luz ardente

Há algo no ar esta noite

Eu sinto isso em meus ossos”

RAIGN – Heaven Help Me

Lavei meu corpo, encontrei um produto para colocar na água da banheira e fui para ela. Sentei-me apreciando a temperatura, a antecipação dele aparecer e começarmos tudo novamente estava mexendo comigo. Uma angústia mesclada a tesão incitou minhas pernas a se movimentarem.

Respirei fundo várias vezes e ele apareceu, com seu pau ereto e calma enervante. Parou na ducha e também se lavou, como se precisasse. Minha atenção era toda dele, para provocar e disputar o domínio.

Levantei-me, dando um passo dentro da banheira. Ele fechou o registro, veio em minha direção e apenas com seu olhar frio e peito inflado conseguiu me fazer sentar e quase afundar na água. Marlon estava sobre mim, não havia sarcasmo, nem arrogância, era uma força que eu não sabia explicar.

Como ficou muito tempo em silêncio e me encarando, precisei me expressar:

— Que jogo é esse, Bonitão?

Sua mão foi para meu pescoço. Apesar de não ter força, aquela ação destoou de tudo o que ele prometia. Gostei, sorri para o gesto e me oferecia ainda mais.

— Cale a boca e me chupa.

Soltou-me, descuidado e não consegui processar as palavras com rapidez antes que seu pau fosse colocado em minha boca. Recuperei o equilíbrio, minha mão foi para a base do seu membro e o chupei, excitada e sedenta por agradá-lo.

Não fiquei muito tempo naquela posição, ele se afastou e me ergueu, apenas para que virasse e ficasse de quatro, apoiando as mãos na beirada da banheira.

O primeiro tapa ecoou pelo banheiro junto com a música. Tendo a água como amplificador, ele bateu mais uma vez e eu arrebitei a bunda para indicar que eu estava gostando e queria mais.

Tentei encará-lo por cima do ombro, mas sua mão foi para minhas costas e me inclinou para a frente.

— Sem olhar.

— Mas...

— Quieta! — rosnou e deu um tapa mais forte.

Ansiando por ultrapassar limites com aquela versão de Marlon, eu saí da posição e me joguei em cima dele. Caiu sentado na banheira comigo em seu colo, tentei me encaixar em seu pau, mas começamos uma disputa de força.

Mordi seu pescoço, ele urrou e prendeu minhas mãos nas costas. Esfreguei-me para aliviar o pulsar da minha boceta, a água ao nosso redor se espalhava, molhando não só o piso, como as paredes.

Consegui me sentar com brusquidão, forcei a invasão do seu membro em mim, causando uma ardência que só eu sentia como prazerosa.

Sabia que não era normal, eu não queria ser como as outras mulheres, apenas diferente da minha mãe. Como estava sendo difícil, eu me rendia cada vez mais ao lado sombrio.

Gritei quando subi e desci, liberando seu pescoço. Ele gemeu inebriado, mas não soltou minhas mãos cativas das minhas costas. Cavalei com ritmo, meus seios subiam e desciam, a água fazia barulho e ele perdeu a máscara de indiferença para me mostrar sua paixão.

— Puta merda! — Tentou puxar o ar com força e recobrar a compostura, eu não parei os movimentos. — Eu... você...

— Posso falar ou devo me manter calada? — provoquei. — Não está entendendo a língua que estou falando?

— Goza e me beija.

Não sabia dizer se foi o seu olhar, o tom que usou ou a música soando, eu cedi. Ao invés de lutar e agredir, eu me acalmei, comecei a rebolar e beijei seus lábios com uma calma que não era a minha.

Suspiramos, me inebriei do seu sabor e ele se segurou até que eu conseguisse me esfregar o suficiente para gozar. Ele pulsou em mim no mesmo momento, nossas bocas nunca longe uma da outra.

E eu ainda não estava satisfeita.



Marlon
DE SAN MARINO

Capítulo 9

Gostar de alguém não deveria ser tão avassalador quanto estava sendo com Simone. Ela queria despertar o pior de mim, sua alma queria conversar com a minha, mas eu ainda não tinha encontrado a melhor forma.

Fazer do jeito dela não estava funcionando. Tentar o meu, também não. Só quando eu me sentia exausto e queria que ela visse o meu coração, que eu sentia que estávamos no mesmo caminho.

Ambos presenciamos violência às nossas mães no passado. Eu segui pelo caminho da rejeição ao ato; Simone optou por vivenciar no sexo. Não, era mais do que uma escolha, estávamos em lados opostos, quando deveríamos nos manter em um lugar comum.

Como era possível agressor e agredido terem o mesmo valor?

Deitados em minha cama, enquanto ela dormia profundamente, eu alisava suas costas e refletia sobre o nosso relacionamento. Simone era uma confusão de emoções, o mais ajuizado dos homens – como eu – deveria fugir daquele pedaço sombrio, mas ela era uma flor ansiando por desabrochar na grama mais verde que ela já tinha encontrado.

O apelido poderia não soar bem, mas a representava. E eu a queria apenas para mim, para cuidar, proteger e, quem sabe, vivermos juntos além do acordado inicialmente.

“Oh, como um tubarão no sangue, não posso lutar contra o sentimento

Oh, não, nunca é suficiente, nunca é suficiente

Digamos que ficamos sem paciência

Diga que esperamos

Não há como voltar atrás

Quando estamos mortos”

Normandie – Dead

A música ainda tocava, mais branda e suave. Logo teríamos que sair do quarto para comermos algo. Ficar atento à alimentação de Simone era uma das minhas prioridades no momento.

Ela se espreguiçou e remexeu, estávamos nus debaixo do edredom.

— Você é um ótimo travesseiro.

— Que bom. — Beijeí sua testa e ela se arrepiou, remexendo o corpo. — Tudo bem com você?

— Sim, com fome. — Sua mão passeou pelo meu peito e desceu até minha virilha. — E sede. Será que consigo um pouco daqui?

— Não. — Virei-me para ficar de frente e encará-la. Seu olhar arregalado e assombrado pela minha resposta não a fez parar de me -tocar. Talvez eu conseguisse mais uma rodada, mas não seria do jeito dela. — Vamos comer comida.

— Uma rapidinha.

Seria golpe baixo, mas estava sendo necessário. Toquei sua barriga, acariciei seu ventre e sorri. Seu olhar se perdeu, pensar em seu bebê tinha que estar acima de tudo.

— Podemos continuar amanhã. Sei que gosta de dor, que sua boceta aguenta um dia inteiro de sexo, mas não precisamos de pressa.

— Não?

— Eu não pretendo encerrar nosso caso hoje. — Alisei sua bochecha e suavizei o olhar. — Quer namorar comigo, Simone?

— As pessoas ainda fazem esse tipo de pedido?

— Um cadastro no site é simples e fácil, a espera é o único contratempo que você tem. Precisa ter brio para perguntar e receber uma resposta.

— Namorar comigo. Por quê?

— Você fode bem — provoquei, porque sabia que ela não se ofenderia com uma resposta idiota como essa.

— Era só me chamar, eu viria sem compromisso nenhum.

— Exclusividade. Ninguém deve tocar em você que não seja eu.

— Também não me importo de seguir esses termos. Se seu pau continuar firme do jeito que é, eu só terei olhos para você. — Acelerou os movimentos no meu membro, eu já estava ereto.

— Quer dizer que iria atrás de outro se não aguentasse seu ritmo?

— Teria que viver me masturbando e indo à terapia. — Apertou a base da minha ereção, me fazendo gemer. — Marlon!

— O quê? Vai chupar logo ou me montar?

— Por que você quer namorar comigo? Estou grávida, sou cheia de problemas e ainda te faço gastar dinheiro.

Segurei em seu seio, levei minha boca até ele e o suguei. Queria mostrar em gestos antes de pronunciar as palavras. Ela entendia de sexo, eu lhe daria algo diferente para apreciar.

Lambi e brinquei com a auréola, depois o bico, fazendo-a suspirar e relaxar. Puxei uma perna para cima, meu pau se encaixou entre suas pernas e fiz um vai e vem preguiçoso.

Ela bocejou e eu sorri, era aquela reação que eu ansiava: tranquilidade ao ponto de confiar.

— Seus olhos não são expressivos, mas quando te surpreendo, você baixa a guarda — sussurrei. A glândula se encharcou dos seus fluídos, ela já estava molhada e pronta para mim.

— Você é sempre transparente, mas veste algumas armaduras em alguns momentos.

— Gosto de saber que eu consigo te proteger, já que não o fiz no passado.

— Nunca fui sua responsabilidade.

— O universo conspirou para o contrário. Eu quero te proteger.

— Você já está fazendo, enquanto me dá um orgasmo. — Abriu a boca ofegante, movimentou o quadril para que meu pau entrasse no seu canal e a preenchesse. — Oh, sim. Faça o trabalho, Bonitão.

— Também gosto da sua companhia. — Beijeí sua testa, depois seus lábios. Investi no seu sexo, iniciei os movimentos lentos de entrar e sair, me lambuzar e ser consumido por sua vagina.

Entrava e saía, a pele ao redor friccionava e ampliava a neblina de luxúria entre nós. Era uma conexão que não consegui com nenhuma outra pessoa; enquanto ela se dava por completo, exigia o mesmo de mim para que extraísse o melhor de nós.

Subi em cima dela, nos virando e a deixando debaixo de mim. Beijeí sua boca enquanto arremetia com impulsos firmes, mas

despretensiosos.

— Gosto das nossas conversas.

— Você curte falar putaria comigo.

— Sim. Mesmo que eu ultrapasse alguns limites, não há maldade, apenas nossa alma nua e crua.

— Não me ofendo com comentários que envolvam sexo.

— Nunca farei na frente de outras pessoas.

— Sim, você me protege.

Sorri e ela me acompanhou, sem exigir força ou pressa. Continuou no meu ritmo, olhei para baixo e observei meu pau entrar e sair da sua boceta molhada.

Levei uma das minhas mãos para seu clitóris e esfreguei, mudando a velocidade apenas para testar seu controle. Ela permitiu que o ritmo fosse controlado por mim, jogou a cabeça para trás e gozou enquanto eu estava apenas começando.

Não o sexo, não o dia, mas o nosso relacionamento. Nosso orgasmo era a aceitação do que o destino nos guardava.



Marlon
DE SAN MARINO

Capítulo 10

Distraído entre cantarolar qualquer coisa e olhar para a tela do notebook, eu me sentia bem. Os dias com Simone, depois que nos envolvemos com mais intimidade, preencheram um vazio que eu nem sabia que existia.

Estava transferindo o comando das atividades da Festa da Luxúria em Dualópolis, eu não faria mais parte daquele evento, para mim, tinha encerrado. A cobertura mudaria de dono, uma vez que eu e Rômulo não estávamos mais à procura de uma parceira, tínhamos encontrado.

"Meu reflexo não me olha da maneira que costumava

Como as pessoas vazias

Ande em círculos até que eu faça uma pirueta para fora da torre

Com as pessoas vazias

Drenando e tomando conta de mim"

The Cruel Knives – Hollow People

— Que música é essa, Marlon? — Baixei o som e encarei meu antigo parceiro de negócios e de libertinagem, Rômulo Montenegro. Ele segurava o riso, mas não escondia que estava em paz.

— Desculpe, nem prestava atenção na letra, apenas a batida. — Indiquei a cadeira à minha frente, ele deu passos e se sentou. — Tudo bem?

— Sim. Estranhei sua presença, já que estava como cão de guarda no seu apartamento.

— Jay faz esse papel. Eu vim resolver algumas pendências e assinar documentos, logo voltarei. — Respirei fundo para tomar coragem de revelar: — Estamos juntos.

— Desde o momento em que você a pegou no colo e a levou para o hospital. — Meu sócio me encarou com compreensão. — Patrícia está preocupada com a amiga. Tentei tranquilizá-la, mas não resolveu. Na situação atual dela...

— Eu entendo. — Balancei a cabeça concordando. — Simone tem receio do julgamento, por mais que ela aja despojada. Ou agia. Minha missão é tornar sua vida mais leve.

— Ela sabe disso?

— Digamos que estamos entrando em um equilíbrio entre o caos e a tranquilidade. Seus gostos peculiares foram usados contra ela.

— Ou seja, transaram.

— Sim. — Ergui a sobrancelha, indicando que não iria dar mais detalhes sobre o que vivenciei com Simone. — Ela é diferente.

— Não precisa se explicar, está nítido em todas as suas atitudes. E melhor do que eu, você sempre prezou pela satisfação feminina acima da sua. Conheço sua história.

— E eu, a sua. Você também é um bom homem.

— Digno de amor? Talvez. Ambicioso? Com certeza. — Deu um tapa na mesa, de leve. — Não importam as incertezas, vamos fazer o que já está definido em nossa vida.

— Vou entregar a cobertura e o comando da Festa da Luxúria para outro.

— Sim, sobre isso, há algo que não me agrada. Oscar Daddy entrou em contato diretamente comigo, ele quer assumir as festas.

— Filho da puta, nunca! — Inclinei-me para a frente, irritado.

— Sei que contratou a Irmandade Horus para resolver essa questão. Tê-lo próximo ajudará na exposição.

— Não me peça para ser racional e trazer o inimigo mais próximo, porque ele fodeu com minha mulher.

— Minha? Um tanto possessivo, não acha?

— Apenas no sentido metafórico, Rômulo. — Mesmo que eu soubesse que ele estava brincando, eu ressaltei meu posicionamento sobre esse tipo de sentimento. — Se quero destruir

Oscar Daddy, não é pela vingança, mas para deixar Simone livre. Ninguém merece viver com medo ou se submetendo a alguém. Aquela mulher tem brio e sonhos, quer ser uma boa mãe e ter independência.

— Casa comigo?

— Vai se foder. — Soltei o ar com força e rimos baixo, para mudar o clima.

— Confesso que eu não estaria fazendo esse tipo de discurso. Você tem um controle emocional do caralho.

— É o máximo que consigo.

— Então, cancelo essa afronta de Oscar?

— Ainda não. — Peguei o celular e digitei uma mensagem para Lídio, meu segundo contato com a Irmandade Horus. — Vou perguntar se esse tipo de negociação ajuda ou piora a investigação.

— Combinado. Outra pergunta.

— Sim?

— E o bebê?

— Ela me deu uma lista de nomes, estou em busca do pai.

— Oh! — Balançou a cabeça e aquela sensação de que estava faltando algo me dominou. — Quem está ajudando nessa investigação? A Horus também?

— Sim. Meu primo indicou.

— Aquele do restaurante, que estava envolvido com os Azevedo?

— Sim, o lado problemático da família. Mas a comida deles é boa, você já provou e não reclamou do parentesco. — Fiz uma careta.

— Claro, só foi um comentário. — Ele se levantou e bateu no meu ombro. — Relaxa, Marlon. Estou do seu lado, assim como meu primo Pedro.

— E o bebê dele, como está? Não sei como eu faria sendo viúvo e pai solo.

— Ah, ele tem sua própria história. Eu tive a minha, agora é a sua vez. — Estendeu a mão e o cumprimentei. — O que precisar, pode contar comigo. E converse com Simone, Patrícia pode ajudar. Na verdade, a amizade das duas pode ajudar nessa fase de adaptação social e mudanças hormonais.

— Quando será o casamento? — provoquei.

— Mande notícias sobre a negociação com Oscar Daddy. — Apontou o indicador em minha direção.

Voltei minha atenção para o notebook e foquei naquela informação. Enquanto eu não era respondido, planejava o próximo momento com Simone em minha cama.

Meu celular tocou antes que eu pudesse retomar o meu foco. Diogo de San Marino não me ligava, mas estava brilhando na tela.

— Alô — cumprimentei, desconfiado.

— Marlon? É Diogo, como vai?

— Estou bem e estranhando sua ligação. Está tudo bem?

— Mais ou menos.

— Apaixonado? — Caramba, eu só estava pensando naquele assunto.

— Problemas com a família. Sabe que na minha situação, relacionamentos não estão no pacote.

— Bem, nesse assunto, eu prefiro não me envolver. Faço parte do outro lado do jogo.

— Estou com alguns contratempos, mas não é para isso que te chamei. Você ainda está com Katherine?

— Ela é minha funcionária, sim. Sua equipe a treinou.

— Uma pena, estou com desfalque de colaboradores. Caso a dispense, por favor, me comunique antes.

— Não acho que isso acontecerá.

— Obrigado. E você, tudo bem por aí?

— Usando o seu contato da Irmandade Horus, mas tudo sob controle.

— Sinto não poder ajudar mais.

— Digo o mesmo. — A linha ficou em silêncio. — Até mais.

Encerrei a ligação e percebi o quanto as nossas escolhas poderiam nos afastar de quem realmente valia a pena. Meu tio, pai de Diogo, se envolveu com uma mulher relacionada com mafiosos da cidade de Cedro Rosa, a família Azevedo.

Não precisava ser assim com Simone, nem comigo. Cortaria o conflito pela raiz, encerraria o assunto com Oscar Daddy e seria livre com a mulher que escolhi para estar ao meu lado.

Precipitado ou intenso, eu viveria conforme minha vontade.

Simone
MULLER



Capítulo 11

Deitada na cama, usando apenas um lençol para cobrir parte do meu corpo, eu esperei. Marlon tinha saído para trabalhar, deixou seu número de telefone e Katherine ao meu dispor. Conversamos durante o dia enquanto ela fazia o almoço, achando que o dono da casa apareceria, mas ficamos apenas as duas.

A insegurança tentou me dominar, achando que o homem nunca mais voltaria, mas ele me acalmou sem perceber, ao ligar para o telefone residencial e dizer que estava voltando para casa.

Voltando para mim.

Queria agradar, mas não sabia fazer se não fosse com sexo. Eu queria ser criativa e inventar algo diferente. Talvez eu descobrisse com Marlon ou o levaria para o buraco sem luz da minha alma.

A porta do quarto se abriu e ele me encarou, surpreso. Puxei o lençol de lado para expor meu seio, seu sorriso foi toda a indicação de que ele tinha gostado.

— Oi — murmurei, sensual.

— Gostei do seu plano, apesar de eu ter outra coisa em mente.

— Oh! — Sentei-me, expondo completamente os seios e desanimando. — O que...

— Mas podemos fazer os dois, Simone. — Ele desfez o nó da gravata e começou a se despir. — Sexo, depois passeio.

— Como assim?

— Acho que não preciso explicar a dinâmica do meu pau na sua boceta.

— Pergunto sobre o segundo. Passeio?

— Relaxe e aprecie, doce Lótus.

Observei-o ficar nu. Peça a peça, ele movimentava as mãos, mas não o seu olhar do meu. Assim que terminou, ele subiu na cama como um predador e ficou de joelhos bem próximo do meu rosto. Beijou meus lábios, mas logo se fartou, recuando e puxando minhas pernas.

Minhas costas bateram no colchão e arfei com o recuo que ele deu. Sua boca encontrou minha boceta e me fizeram esquecer os motivos que me deixavam insegura a respeito da relação com Marlon.

Ele me queria. Sua língua e dedos mostravam o quanto eu era deliciosa de se provar. Abri minhas pernas e rebolei na sua boca, querendo tudo e não me importando com o pudor. Na verdade, nada me fazia ser reservada no sexo.

Com as mãos em seu cabelo, gozei com descontrole, gemendo alto e satisfeita. Ele não parou de me estimular e ainda introduziu dois dedos para esfregar meu ponto G, prolongando o ápice. Eu queimava e via fogos de artifício.

Fechei os olhos e suspirei, satisfeita. Foi rápido, mas o suficiente para aplacar o meu lado mais obscuro. Marlon me surpreendeu acariciando minha barriga e deixando beijos pela região. Encarei-o com a guarda baixa, ele sorriu e subiu em cima de mim, se encaixando entre minhas pernas.

— Prometo fazer mais depois. Vamos tomar um banho e visitar um lugar especial. Fica a poucos quilômetros da capital.

— O que tem lá?

— Uma estufa.

— Hã?

— Tem flores e vida selvagem. Há um passeio noturno exclusivo, queria te levar.

— Ainda não terminamos na cama.

— Sim? — Deixou um selinho na minha boca, para soar insistente.

— Depois que me fizer gozar mais uma vez, então sim.

Investiu com sua pélvis e entrou com apenas um movimento. Excitada e molhada, estava fácil nos conectar e continuar com o clima de luxúria. Abracei seu pescoço e o trouxe

para poder sugar seus lábios, depois o pescoço. Deixei mordidas pela região e cheguei ao ombro, gemendo baixo enquanto ele entrava e saía da minha boceta.

A fricção das nossas peles, seu corpo encaixado ao meu como em um quebra-cabeça e os gemidos ecoando eram uma ótima cena para se perpetuar em minha memória. Subindo e descendo, esfregando e apertando, tudo fazia parte do encanto de ser dominada por Marlon de San Marino.

— Está bom assim? — ele perguntou, atrevido.

— Me coloca de quatro.

Afastou-se brevemente e puxou meu quadril para cima, seu pau entrou em mim e continuou o vai e vem sedutor. O eco dos nossos corpos era melhor do que música, apoiei-me nas mãos e arrebitei minha bunda, para que a posição fosse tão benéfica para mim quanto estava sendo para ele.

Apertou minhas nádegas enquanto arremetia impiedoso, afastava e juntava, massageava e não perdia a oportunidade de deixar-me cada vez mais alucinada de tesão. Presenteou-me com um tapa forte na bunda. Gemi agradecida, eu gostava de tudo aquilo que ele poderia me oferecer.

Senti uma pressão no meu buraco mais íntimo, era seu dedo entrando no meu ânus e estimulando a região.

— Se quiser, é seu — ofereci, descuidada.

— Sem pressa, teremos outro momento para me lambuzar com os óleos que tenho em casa. — Deu outro tapa na minha bunda, mandão. — Levanta.

Pegou meu cabelo e me induziu a erguer o tronco. Uma de suas mãos apertou meu peito enquanto a outra foi contribuir com o orgasmo esfregando meu clitóris. Senti a ardência no bico do seio, ele tinha apertado com vontade e acionado o meu desejo proibido pela dor.

Virei o rosto e ele capturou meus lábios, beijando e não parando um segundo de me foder. Meu corpo vibrava a cada impulso contra mim, ele demonstrava que poderia continuar a noite inteira sem se cansar. Gozei e o senti esporrar dentro de mim, nossos gemidos se misturaram com o barulho que nossos corpos faziam ao se chocar. Pulsou no ritmo das nossas batidas do coração.

Ele não soltou meu seio quando saiu de dentro de mim. Deitou-me e trocou a mão pela sua boca, sugando com força e me fazendo arquear as costas.

— Marlon! — gemi, implorei e me rendi ao tesão.

Ele fez o mesmo no outro seio, depois passou o dedo nos bicos rijos pelo estímulo, sensibilizando-os ainda mais. Suspirei, enquanto ele sorria e encarava meu corpo com admiração.

— Seu corpo conversa comigo. — Alisou minha lateral debaixo para cima e parou no meu rosto. — Eu quero que você seja minha, Simone.

— Mas estou grávida. — Pressionei os lábios, querendo pegar as palavras de volta. Eu tinha medo da esperança que enchia meu peito. Se não desse certo, o tombo seria dolorido demais para me recuperar. — Eu sou sua nessa cama ou em qualquer outro lugar que desperte nosso desejo. Não é o suficiente?

— Vou te mostrar que posso ser mais do que um amante. A minha proteção não é por caridade ou pena, mas porque me conectei profundamente com você.

— Escolheria entrar no meio de uma confusão do que viver na calmaria? Ainda nem sei como retribuir o que está fazendo por mim.

— Me dê a chance. — Piscou um olho, saiu da cama e me ajudou a ficar de pé, sempre cavalheiro e atencioso. — Apenas isso.

— Tudo bem, Bonitão. Sua Lótus vai te acompanhar.

Sorri enquanto ele me puxava, vagarosamente, para o banheiro. Talvez eu fosse uma princesa e Marlon, o príncipe. Por alguns segundos, eu poderia acreditar que se eu fui digna de gerar um bebê, então poderia ser capaz da felicidade. Uma família seria o remédio perfeito para minha alma machucada.

Prendi o cabelo, entramos debaixo da ducha juntos e nos lavamos. Cada toque e carícia era uma forma diferente de conhecê-lo. Cada músculo e curva de seu corpo reagia à minha apreciação. Era real comigo também, o corpo dele falava comigo.

Colocamos uma roupa confortável, eu gostava de ver Marlon em camisa polo e calça jeans. Estando sem o terno, ficávamos mais próximos socialmente, além do que já fazíamos entre quatro paredes.

A sensação de estar fora do meu ambiente me desorientou, mas não me impediu de seguir o homem que tinha o domínio do meu coração. Ele não precisava saber que, por mais que relutasse com palavras, eu era sua.

Sua, mesmo estando grávida.

— Quer comer algo? — perguntou antes de abrir a porta do apartamento, com sua preocupação genuína.

— Pode tirar esse franzido da testa. Estou me alimentando bem, Bonitão. Talvez, na volta.

— Se quiser algo durante, também pode me pedir.

— Tudo bem, você está me deixando mimada além da conta.

— Acredite, ainda acho que faço pouco.

— Pois fique sabendo que sua cota de boas ações está transbordando.

— Acho que seu medidor está desregulado.

— Preciso de mais tempo com você na vertical, para resolver esse problema — provoquei, querendo sua malícia e comentários de duplo sentido.

— Minha ferramenta pode ser usada em qualquer posição.

Sáímos sorridentes e encontramos o segurança no elevador, com sua habitual carranca. Apesar da primeira impressão ofensiva, eu não o sentia como ameaçador.

— Boa noite, senhor. Lídio pediu para avisar que respondeu a mensagem.

— Tudo bem, eu verifico depois.

— O que foi? — Senti a gravidade me puxar enquanto descíamos os andares na caixa de metal. Busquei a mão de Marlon e ele entrelaçou nossos dedos com naturalidade.

— Estou repassando a cobertura de Dualópis, além da direção da Festa da Luxúria para outro empresário.

— Ela continuará existindo?

— Não para mim. Nem com Rômulo.

— Por quê?

Marlon levou minha mão para a sua boca e deixou um beijo.

— Eu tenho tudo o que preciso aqui.

Caramba, eu me sentia responsável pelo sucesso daquela relação. E se eu perdesse o interesse com tanto romantismo? E se o seu amor não fosse o suficiente para aplacar a bagunça que existia dentro de mim?

— Uma chance — ele murmurou o pedido apaixonado antes de sairmos do elevador.

Eu já tinha dado meu corpo. Naquele momento, estava entregando minha alma a Marlon de San Marino.

Simone
MULLER



Capítulo 12

Chegamos até o lugar, que mais parecia cenário de um filme de magia. Uma grande estufa, luzes suaves adornavam o local e iluminavam o caminho até a construção principal.

Eu me precipitei e saí do carro assim que ele parou. Marlon me alcançou segundos depois e me incentivou a continuar a andar. O cheiro era singular e a brisa que batia no meu rosto lavava a insegurança.

— Que lindo — comentei, surpreendida.

— Pessoas vêm de todo o país para conhecer as espécies exóticas dos Safreid.

— Diferente de tudo o que já vi.

— Você, uma vez, me questionou sobre o apelido que te dei. Gostaria de mostrar o que eu vejo em você, por outros olhos.

Lótus. Parei meus passos e fiquei de frente para ele, assustada com a intensidade daquele gesto. Não era apenas uma atitude romântica, Marlon de San Marino estava disposto a mexer com minha insanidade.

Sua mão tocou meu rosto com carinho. Seu olhar intenso e cheio de promessas fez-me lembrar dos últimos minutos em sua cama, o quanto de amor que existia, ao invés da violência.

— Que poder é esse que você tem?

— Estou seguindo o que tenho vontade, Simone. Quero te agradar.

— Se está esperando algo de mim... — Fechei os olhos e neguei com a cabeça, sem conseguir continuar a frase. Senti seus lábios juntos aos meus, em um beijo doce e carinhoso. — Sou apenas uma órfã, que encontrou no sexo uma forma de se sentir melhor. Não tenho perspectiva de vida, nem me interesse pelos estudos, como Patrícia.

— Eu sei.

— E mesmo assim, ainda me quer? — Abri os olhos.

— Venho de uma família imperfeita. Aprendi, muito cedo, que algumas mulheres precisam ser protegidas. Às vezes, dos próprios homens que prometeram amar e cuidar. Eu comecei a Festa da Luxúria com o intuito de proporcionar um bom momento para todas as minhas parceiras. Putaria, sexo selvagem e orgia, com o mesmo conforto e segurança que os homens têm, aonde quer que eles vão.

— Senti isso. Foi o que me motivou a incentivar minha amiga a ir em meu lugar, ela se daria bem, não mal. — Olhei para baixo. — A única má companhia era eu e Daddy.

— Ele nunca mais irá te tocar de forma inadequada. Se depender de mim, de nenhuma forma.

— Muitas mulheres precisam dessa ajuda, Marlon, sendo com apoio ou aprendendo a se defender sozinha. O que me torna diferente?

— Nossa conexão é única. Sinto prazer, satisfação e euforia estando com você. Não apenas pelo sexo, apesar de conversarmos melhor na cama. Mas... eu sinto além.

— Quem te garante que não se sentiria igual com outra? Sou comum, menos especial do que imagina.

— Não, Simone. Com você é diferente.

— Então, me explica!

— Ainda não achei as palavras certas, então vou te fazer sentir.

Abraçou minha cintura e me beijou. Abriu a boca e me devorou, deixando um rastro de paixão em todos os lugares que sua língua tocou. Suspirei e retribuí, por um lado, eu entendia e aceitava a sua resposta, o outro – inseguro e cheio de traumas –, dizia que a qualquer momento, ele me trocaria pela próxima mulher subjugada.

— Vamos, nós ainda não começamos o passeio. — Marlon interrompeu o beijo, entrelaçou nossos dedos e me puxou para a porta da estufa, que estava entreaberta. — O senhor Safreid irá nos guiar.

— O dono do lugar?

— Claro. Ele é o que entende das flores.

Com uma felicidade que não cabia apenas em um sorriso, entramos no lugar e arregalei meus olhos pela beleza inigualável. Cumprimentei o homem que nos guiaria, sua simplicidade e simpatia me fez sentir bem-vinda. Deixei que Marlon assumisse a conversa e também interagisse, porque eu estava focada demais em observar.

Flores nativas de muitos lugares do país, de várias cores e cuidados diferentes chamavam minha atenção. Lembrei-me de um dos livros que minha amiga Patrícia gostava de ler e a saudade bateu, eu gostava daquela mulher. Teve momentos que ela me julgou, mas em todos eles, se explicou e redimiou, mostrando que eu poderia ser aquela que mudaria conceitos. Não era apenas ela que tinha limitações quanto a mudanças.

Andamos por um caminho estreito, eu não tocava, apenas inspirava profundamente e admirava a beleza feita pela natureza.

Sáímos por uma porta ao fundo da estufa, caminhamos até um lago iluminado por pequenas luzes brancas e amarelas. Pareciam vaga-lumes, mais uma vez me remeteram a amiga que eu estava procrastinando de encontrar.

O braço de Marlon me puxou e fiquei colada ao seu lado. Por mais interessante que parecia aquele monólogo, não prestei atenção no que o homem falava. Eu me sentia em um mundo paralelo enquanto meu corpo seguia o comando do homem ao meu lado.

Ele apontou em uma direção quando chegamos à margem do lado e eu vi, entre a lama e o terreno estranho um pouco mais

afastado, uma flor entre folhas que boiavam ao redor. Ela era branca e rosa, cheias de pétalas mais pontudas e um miolo colorido.

— Essa é a flor de lótus. Sua principal característica é que, em meio a lama e impurezas, nasce e desabrocha sem ser afetada. Na verdade, ela consegue extrair o melhor de todos os lugares que está. — Finalmente consegui fixar algo do que o senhor Safreid falou.

— Eu, com certeza, não sou ela. Sou tão suja e desequilibrada quanto o lugar que vim — murmurei, apenas para Marlon escutar.

Sua mão em minha barriga me surpreendeu. A emoção tomou conta, mesmo que eu não soubesse o motivo de tanto drama da minha parte. Se eu estava entendendo certo o que ele queria dizer com o gesto, gerar um filho, que eu nem sabia quem era o pai, era o motivo da comparação.

— É mais fácil se manter infeliz e fracassado, enquanto as pessoas que amamos também estão, do que ser diferente e caminhar para o sucesso. — O senhor Safreid nos encarou, plácido. — Se engana aquele que acha que não deve buscar o sucesso, porque o outro também não pode. Pelo contrário, a sua felicidade é em honra daqueles que não sorriram. Seu sucesso é uma homenagem a todos que se perderam.

— O senhor deveria ser terapeuta — tentei brincar, para que a seriedade das suas palavras não me derrubasse mais do que Marlon já estava fazendo.

— As plantas são minha fonte inesgotável de conhecimento. Se tiver interesse, pode vir no período da manhã explorar a estufa das folhas e dos cactos.

— Eu gostaria, obrigada. — Coloquei minha mão em cima da de Marlon, pousada em minha barriga.

— Seja bem-vinda. — O homem olhou para Marlon. — Fiquem à vontade, eu estarei na estufa quando terminarem.

— Obrigado, senhor Safreid.

Permanecemos naquela posição por um tempo prolongado, admirando não só a flor de lótus, como também todas as espécies que estavam felizes e bem-cuidadas. Era estranho, ao mesmo tempo que revelador, o quanto estava interessada em sujar minhas mãos e cuidar de tudo ao meu redor.

Os bichos noturnos e os sons das folhagens chacoalhando enquanto o vento soprava me transportava para a dimensão perfeita daqueles que mereciam a redenção. A natureza era perfeita, como tudo o que a envolvia.

— Também te trouxe aqui, para dizer que eu gostaria que você dormisse no meu quarto e dividisse o closet comigo. Já está acomodada no apartamento, não precisa voltar para o seu antigo. — Ele se colocou às minhas costas e me abraçou.

— Em algum momento, esse sonho vai virar pesadelo.

— Tenho os melhores seguranças para afugentar os monstros. — Beijou minha cabeça e suspirou. — Eu te vi pela

primeira vez, perdi a chance de nos conhecermos naturalmente. Essa é a minha segunda chance e eu não vou desperdiçá-la, porque estou sendo apressado.

— E romântico.

— E sedutor. — Beijou meu pescoço e deslizou as mãos em meu corpo. — Boa de conviver. Boa de foder. Boa mãe.

— Ainda não sei o último, mas quero tentar.

— Já é, só por querer.

— Farei tudo o que quiser, Marlon. Não há outro lugar para ir e estar com você está sendo surreal.

Sabia que não era a melhor resposta a dar. Precisava que ele entendesse que me salvar não iria proporcionar a perfeição de um relacionamento, eu ainda tinha meus assuntos pendentes para lidar.

Marlon queria a amante que existia em mim. No dia que ele não tivesse, provavelmente mudaria e eu teria que seguir meu caminho. Enquanto não acontecia, eu aproveitaria para me tornar uma pessoa melhor. Como a flor de lótus, iria extrair o melhor do meu inferno pessoal.

Simone
MULLER



Capítulo 13

Dias depois...

Andei pelo apartamento de um lado para o outro. Coloquei as mãos na cintura olhei minha barriga saliente, depois ao redor e bufei, estava me sentindo presa. Por mais que saísse com Marlon para passeios e jantares, também nas consultas e terapia, eu estava exausta de esperar.

Eu queria sair sozinha, mas algo me impedia de exigir. Por que eu tinha que fazer? Ou melhor, por que eu não saía e pronto?

Alisei a barriga e fui até a cozinha, meu nervosismo também era por receber Patrícia para um almoço só nosso. Enquanto Marlon estava trabalhando, eu teria um momento de retomar assuntos pendentes, como a amizade que fiz antes de ser agredida pelo homem que deveria me sustentar e proteger, de acordo com o site que eu tinha me cadastrado.

Parei do outro lado do balcão, em que Katherine estava cortando os ingredientes para uma sopa requintada – minha escolha. Ela ergueu a sobrancelha e me esperou falar, mas eu não conseguia.

A culpa me corroía, porque Marlon era um namorado perfeito e eu estava insatisfeita. Poderiam ser os hormônios ou só a

minha consciência brincando comigo. Tão acostumada a viver em um mundo de caos, a paz estava se tornando incômoda ao invés de acalantar.

— Eu quero sair — soltei, como se fosse uma acusação.

— Tudo bem. Precisa de algo?

— Você não entendeu. Eu quero sair. Necessito! — Balancei meus braços e olhei ao redor. — Não aguento mais ter companhia para todo lugar que vou. Nem na estufa eu posso ficar sozinha.

— Jay não é tão simpático, te entendo.

— O segurança? — Apontei o polegar para as minhas costas. — Nem um pouco simpático e me irrita ele estar sempre por perto. Chato. Silencioso. Carrancudo. Fui sozinha por muito tempo, eu quero voltar a me sentir sem amarras. — Chacoalhei os braços novamente, como se livrasse de fios que me prendiam enquanto andava de um lado para o outro.

— Respire, Simone.

— Estou fazendo!

— Vamos lá. — Inclinou a cabeça para me analisar. — Por que não sai?

— Marlon me falou que estão quase resolvendo com o louco ciumento do meu ex. Preciso da segurança e também, por conta do bebê. — Alisei minha barriga, já era perceptível minha situação. No

próximo ultrassom, iria descobrir se era menino ou menina. — Sabe aquela coisa: eu quero, mas não posso?

— Sei. — Descartou a faca ao lado da tábua e balançou a cabeça concordando. — Não estar no controle te incomoda.

— Não vou pedir para sair, mas me sinto em surto não tendo...

— Autonomia.

— Isso! — Voltei a ficar de frente para ela, com o balcão entre nós. — Eu não fui feita para obedecer. Na verdade, eu amo fugir da linha. Ser imprudente ou apenas seguir os impulsos da minha euforia.

— Eu ia falar que te acompanhava com minha faca para nos proteger, mas acho que você não quer companhia. — Ergueu a faca sorrindo, depois perdeu o sorriso, olhando além de mim.

Virei-me e encontrei Jay na porta, encarando nós duas com sua seriedade cheia de tédio. Eu sabia que estava rendida e apaixonada por Marlon, quando um homem como aquele não me atraía, irritava.

— Patrícia Teixeira está a caminho. Qual o tempo previsto da permanência dela no apartamento?

— Você não pergunta a uma mulher o tempo que leva com a amiga. Pare de ser inconveniente!

— Não falei com você, senhorita Andrade.

Abri a boca em choque, Jay e Katherine estavam duelando com o olhar.

— Grosso. — Ela saiu de onde estava, com a faca empunhada e o enfrentou. — Esqueceu a educação?

— No mesmo lugar que deixou o juízo.

— Saia da minha cozinha.

— Intrusiva. — Encarou a faca, depois ela deu um passo para trás. O segurança me encarou e ver a briga dos dois estava mais interessante do que lidar com o meu surto superficial. Acalmou minha vontade de sair, inclusive. — Ainda não me falou sobre o tempo que a visita ficará no apartamento, Simone.

— Então...

— O tempo que for necessário. Adeus. — Katherine o empurrou, fechou a porta e voltou com a faca, pronta para picar mais ingredientes. Soltei um riso baixo quando a escutei praguejar.

— Crise contida — murmurei, me inclinando no balcão. Os legumes estavam pagando pela sua raiva.

— Grosso.

— Sim, muitas partes dele são.

— Indelicado.

— Meio difícil um armário daquele tamanho não ser forte.

— Sem noção. — Bufou, ainda desabafando, sem perceber que eu estava me divertindo.

— Deve ter pegada. Imagina segurando seu cabelo enquanto você está de quatro. — Ela ergueu a cabeça e arregalou os olhos, saindo da sua bolha de reclamação. — Quer participar da conversa com Patrícia?

— O quê? — Piscou os olhos. — Desculpe, Simone. Você estava estressada e eu perdi o controle.

— Percebi.

— Vou terminar a sopa e te deixar à vontade com sua amiga. Esse momento é seu! Não é necessário ter mais uma para te controlar.

— Você também se tornou minha amiga. — Estendi o braço e toquei seu pulso. Ela sorriu apreensiva e eu retribuí com carinho, para relaxá-la. — O que foi aquilo com o Jay? Sei que é um ogro insensível, mas não imaginei que seria tão intenso.

— Sou prestativa e colaboro com tudo o que o patrão precisa. A oportunidade que Marlon me deu mudou minha vida. Agora, vem um estranho, arrogante e insuportável desconfiar de mim e invadir minha privacidade? Eu não sou obrigada a aguentar.

— Ele mexeu na sua gaveta de calcinhas? — Era para ser apenas uma brincadeira, mas o rubor que se formou em suas bochechas indicou que era algo como aquilo. — Pode ficar tranquila, minha vez de cuidar de você.

— Já falei com Marlon e quase fui trabalhar para o primo dele, no Restaurante San Marino, porque esse — apontou com a faca para a porta — grosso me humilhou. Eu nunca me senti tão chateada na vida. Ele não tinha o direito de revistar minhas coisas no quarto.

— Ele achou algo.

— Jay não tinha o direito. Fala que sou intrometida, mas ele que ultrapassa todos os limites.

— O que aconteceu?

— Eu preciso apressar a comida.

Ela se afastou, levando a tábua, a faca e o encerramento da nossa conversa. Escutei o barulho de porta e saí da cozinha, depois conversaria com Katherine sobre seu ódio pelo segurança Jay.

Cheguei à porta de entrada e lá estava Patrícia, com sua barriga quase do mesmo tamanho que a minha. Hesitei para cumprimentá-la, ela se aproximou e me abraçou com força, rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Oh, Simone, você está bem.

— Por que o choro? O que aconteceu?

— Virei uma manteiga derretida, estava preocupada.

— Eu estou bem.

— Sim!

— Você também. — Fiquei meio sem jeito de abraçá-la, então apertei suas costas e braços, com carinho. — Desculpe demorar tanto.

— Eu te entendo e a culpa é toda minha. — Ela se afastou e segurou meus ombros. — Deixei aqueles conceitos para trás, eu mudei.

— Que bom.

— Por sua causa. Você me deu uma oportunidade de ser feliz. — Ela olhou ao redor, virou o rosto para Jay, que estava atrás de nós, depois para mim. — Ele está cuidando da sua segurança?

— De outras coisas também, mas vou poupar o moço sisudo dos detalhes sórdidos sobre o patrão.

Pisquei um olho para ele e puxei minha amiga até a sala de televisão. Fechei a porta e me acomodei ao lado de Patrícia, que tinha se sentado no sofá.

— Eu transei bem aí — brinquei e ela se levantou, horrorizada.

— Simone!

— Acho que estou me sentindo mais eu mesma, com a vinda de assunto alheio. — Puxei-a para se sentar e a abracei meio de lado, desajeitada. — Tive medo do seu julgamento, sim.

— Sabe que falei muitas besteiras. Minha criação foi tão diferente, precisei vivenciar outras coisas para entender o que

combinava comigo.

— Te entendo. Esse tempo foi bom, me cuidei e do bebê. Estou mais calma, os surtos são resolvidos com conversas e aprendi a cultivar flores.

— Você está mexendo com jardim?

— Não um qualquer, mas a estufa mais premiada do país. Depois te levo. — Olhei para a sua barriga e suspirei. — Já sabe o sexo?

— Menina. Mas não vim aqui para falar de mim. — Inclinou a cabeça para o lado, me convidando a abrir meu coração.

Eu estava pronta para estreitar os laços com Patrícia ou, finalmente, rompê-los.

Simone
MULLER



Capítulo 14

— Como está com Marlon?

— Apesar dele falar e repetir, ainda não acredito que esse homem viu algo de bom em mim. — Sorri enquanto pensava nele e nos dias que passamos juntos. — Estou morando com ele, sendo sua namorada.

— E o pai do bebê?

— Ele está empenhado em achar. Não quero um nome em branco, como na minha certidão de nascimento. — Franzi a testa. — Acha que não darei conta, mesmo não tendo apoio daquele que me ajudou a fazer?

— Velhos conceitos. — Balançou a mão na minha frente. — Estou exorcizando o que minha mãe falava sobre ter um filho solteira.

— Voo solo.

— Exato. — Apertou minhas mãos. — Mãe solo, casada. Por que não?

— Menos, Patrícia. Sou a namorada, dividimos o mesmo teto e estou sendo bancada por ele. Ainda não descobri como deixar de parecer uma sugar baby, como era com o idiota ciumento.

— Daddy é o pai?

— Improvável, já que me contou sobre a sua infertilidade. —
Pressionei os lábios e fiz suspense, para que Patrícia soubesse que eu contaria algo muito problemático. — Eu transei com outros homens.

— Ménage?

— Isso e outras coisas. — Dei de ombros. — Eu tinha gostos peculiares.

— Deixou de ter?

— Acho que Marlon se tornou o único amante ousado e poderoso o suficiente para apagar meu fogo. — Ajeitei o cabelo. — Ele aceita meu passado, sem muitos questionamentos.

— Você o conheceu na Festa da Luxúria.

— Sim, mas Oscar Daddy me seduziu com a violência. Eu acreditava que só poderia ser bom, se ela estivesse envolvida no ato.

— O amor é muito mais interessante.

— Puxão de cabelo, tapa na bunda e esfregar nossos corpos com força tem seu glamour. — Fiz bico e ela ficou tão envergonhada quanto Katherine, ambas modestas, apesar de experientes. — Até parece que não faz sexo, Patrícia. Olha o resultado aí no seu ventre.

— Sim, eu sei. Tanto tempo sem nos falarmos, tinha me esquecido o quanto você não tem papas na língua. — Ela bocejou.

— Desculpe, eu vivo com sono.

— Também estou mais cansada que o normal. Mas sempre tenho pique para o sexo. — Cutuquei sua costela, ela riu e ficou ainda mais encabulada. — Me diga logo de uma vez, que você fode bastante com Rômulo e geme alto enquanto senta naquela pica.

— Meu Deus, não consigo.

— Repita comigo: eu trepo e gosto!

— Simone!

— Só vou parar com as cócegas se você falar.

— Eu trepo e ainda peço mais! — gritou e colocou a mão na boca, envergonhada. Tive que gargalhar, a menina inocente se tornou uma mulher em busca da confiança. — Você é malvada.

— De vez em quando. — Estiquei-me no sofá e peguei o controle da televisão. — Que tal um filme? Relaxe, somos duas gestantes precisando de um momento sozinhas.

— Ainda estou preocupada com esse sofá e o que você fez em cima dele.

— Já foi lavado. Katherine que lute com a limpeza. — Soltei outro riso, lembrando-me dela com Jay. — Quando a sopa estiver pronta, ela nos avisará.

— Me conta mais da tal estufa.

— Estou apaixonada por hortênsias e margaridas. Também pela flor de lótus, mas ainda não tive coragem de cuidar mais de perto. Elas são muito independentes.

— Já pensou em fazer um curso nessa área?

— Estou fazendo, com o senhor Safreid. Mas não é como se eu fosse ganhar dinheiro ou qualquer coisa. Apenas ocupando meu tempo enquanto Marlon trabalha.

— Por que não? Como você acha que a estufa sobrevive? Ele vende as mudas, tem os passeios guiados, paisagismo... — Encarei-a reflexiva, nunca tinha pensado daquela maneira. — Exatamente, Simone. Você pode fazer seu próprio dinheiro e equilibrar a balança.

— Quando o bebê nascer, não será a mesma coisa.

— A gente se adapta. Você tem a mim e espero contar com você.

— Serei má influência para essa menina.

— Uma tia amorosa que ensinará sobre perdão e não ter medo de julgamentos. Tem mais a oferecer que eu, a recatada com dificuldade de aceitar as novas escolhas.

— Essas duas serão felizes. — Toquei minha barriga e Patrícia sorriu diferente. — O quê?

— Você acha que é menina?

— Não sei, saiu sem querer.

— Instinto materno.

Coloquei um filme qualquer na televisão e refleti sobre a maternidade e tudo o que eu ainda não sabia que poderia vir. Minha amiga se acomodou do outro lado do sofá e nossas pernas se tocaram, indicando que eu não estava sozinha. Por mais necessidade que eu tivesse da solidão, ter alguém por perto também era bom.

O suficiente.

Uma música conhecida começou a tocar no filme e cantei, estimulando a minha amiga a acompanhar.

“Eu tenho família

No final do dia, isso é tudo que eu preciso

E você sabe, isso é o que você sempre será

Não importa quanto tempo faz, não, eu não tenho amigos
(ooh)

Eu tenho família (ooh)”

David Guetta, Bebe Rexha, Ty Dolla \$ign, A Boogie Eit da Hoodie – Family

— Você se tornou minha família. Se Rômulo e Marlon não são tão íntimos, nós seremos.

— Eu também te amo, Patrícia — brinquei, para que eu não começasse a chorar. — Obrigada pela paciência.

— Reative seu celular e volte a falar comigo. Podemos fazer um chá de fraldas, só as meninas!

— Eu e você?

— Talvez minha irmã.

— E Katherine. — A porta da sala se abriu e a própria apareceu. — Falando dela...

— A sopa está pronta. Querem que eu sirva aqui na sala ou em outro lugar?

— Na varanda, para três pessoas, porque você vai nos acompanhar. — Virei para Patrícia. — Precisamos dela, certo?

— Sim! — Minha amiga se levantou. — Olá, Katherine. Muito prazer.

— Eu tenho outras coisas para fazer no apartamento, Simone. Pode ser outro dia?

— Não! — Eu e Patrícia ecoamos, indo na direção da mulher que cuidava do lar como se fosse dela.

— Imagine o quanto você irá irritar o Jay, fazendo com que essa reunião dure até o fim da noite — comentei, espirituosa.

— Maluquinha. — Katherine riu e nos acompanhou até a cozinha. — Ficarei apenas um pouco, combinado?

— O cheiro está ótimo.

— Ela aprendeu a cozinhar com o primo de Marlon, dono dos restaurantes San Marino. Lembra-se deles?

— Não ouvi falar, mas ficará eternizado no meu paladar. —
Patrícia riu baixo e o clima descontraído permaneceu durante a refeição.

O momento era de fortalecer os laços e esquecer que existia uma ameaça do lado de fora da minha fortaleza feita com amor. Não sabia dizer até quando eu suportaria, apenas que ter amigas melhorou a minha perspectiva.

Simone
MULLER



Capítulo 15

Ajoelhada no chão, mexi na terra do vaso que eu estava fazendo para levar de presente para Marlon. Era uma hortênsia azul, florida e cheia de vida, cuidada por mim.

— Está tudo bem por aí? — Aline perguntou, uma das ajudantes da estufa. — Precisa de ajuda?

— Terminei. — Segurei nas laterais do vaso e levantei-me, orgulhosa do que tinha feito. A mulher se aproximou e sorriu, todos eram bem acolhedores e não me importaria de trabalhar por um período mais longo do que fazia no momento, que eram três vezes na semana. — Estou pegando o jeito.

— Sua mão é boa para as flores, elas gostam de você. Hortênsias são associadas a prosperidade e abundância.

— Preciso estudar sobre isso também, quero aprender. — Olhei ao redor, para todas as espécies e os aromas. — E pensar que os perfumes começam daqui.

— Sim.

— Uma amiga minha quer vir conhecer a estufa. Tenho que agendar a visita dela?

— Se você for a guia, fique à vontade para trazer quando quiser. — Ela tocou meu ombro e chacoalhou a cabeça. — Quando

quiser mexer com as lótu, só me chamar.

— Pode deixar.

Olhei além da moça e fiz uma careta para Jay, o segurança continuava sempre perto demais para o meu gosto. Era necessário, mas isso não me impedia de reclamar.

Afastei-me de Aline e fui até o homem protetor. Katherine continuava reclamando sobre o lado grosso e invasivo dele, para minha distração.

Ergui o vaso e debochei com um sorriso para a seriedade do homem.

— Precisamos voltar para o apartamento.

— Sim, eu já terminei aqui. Obrigada por esperar, nobre rapaz.

— É minha obrigação.

— Não precisa ficar tão próximo.

— Estou aqui para a sua segurança.

— Nem por isso vou deixar de agir com naturalidade. Achei que tinha se acostumado com minhas brincadeiras.

Não respondeu, indicou com a mão para que eu andasse na sua frente e fomos em direção ao estacionamento. No caminho, encontrei o senhor Safreid, acenei em despedida e admirei a grande estufa, eu poderia considerar aquele o meu segundo lar.

— Jay, você sabe sobre as minhas coisas do antigo apartamento? — Caminhamos pelo estacionamento, a brisa com a vegetação ao redor acalmava meu coração.

— Suas roupas e pertences estão no closet do quarto principal. — Ele abriu a porta do passageiro e eu entrei no automóvel.

— E os móveis e utensílios domésticos, por exemplo?

— Os que estão inteiros, continuam no apartamento. — Acomodou-se no banco do motorista.

— Marlon não se desfez de nada? Afinal, nós estamos morando juntos.

— Acredito que o chefe respeita suas vontades acima da racionalidade. — Ele deu partida e ligou o som do carro.

— Puxa-saco — zombei, ajeitando o vaso no meu colo e sorrindo para a minha barriga saliente.

— Apenas relatando um fato.

Satisfeita, apreciei a viagem em direção ao apartamento sem muito contratempo. Fechei os olhos, relembrei o sexo matinal e adorei a música que tocava naquele momento.

"Escolha suas palavras

Escolha-as com sabedoria

Pois elas vão levar à sua morte

Pegue minha vida

Pegue minha fé

Para parar as lágrimas que escorrem pelo seu rosto"

Submersed – Flicker

Eu estava com as mãos na cabeceira da cama, de quatro, sendo penetrada por trás. O meu buraco mais íntimo estava sendo tomado e invadido por Marlon de um jeito diferente. Fui lambuzada de óleo, não havia dor ou incômodo, ele lubrificou bem a região, meu corpo, e eu só sabia sentir prazer.

Investiu ritmado e puxando meu cabelo para que eu curvasse o corpo. Eu não sentia mais a necessidade da violência, apenas da intensidade que era estar com Marlon de San Marino.

Estávamos suados, ele entrava e saía do meu ânus enquanto minha boceta pulsava. Ele tinha ordenado que não tirasse as mãos da cabeceira e, daquela vez, eu queria obedecer.

— *Está querendo gozar?* — *perguntou, cheio de provocação. Apertei os dedos com força e não respondi, apenas gemi.* — *Fale, minha Lótus.*

— *Você sabe o que eu quero.*

— Será? — Ele cobriu meu corpo com o dele, continuando com as investidas e massageando o meu seio. — Quer assim? — Fez carícias no bico, eu empurrei contra ele para aumentar a pressão. — Ah, você deseja mais forte.

— Pode vir bruto, Bonitão! — rosnei, depois gemi, ele atendeu ao meu pedido e ainda beliscou meu seio. — Ah!

— Farei muito mais do que isso. — Sua mão deslizou pelo meu corpo, sua pélvis batia contra minhas nádegas, o barulho ecoava pelo quarto. Antes de chegar entre minhas pernas, ele fez uma breve carícia no meu ventre, amoroso. Seus dedos encontraram meu clitóris e o apertou, depois fez movimentos circulares, para me dar o orgasmo tão ansiado. — Goza para mim.

Eu já estava no ápice, gritando de alívio e prazer. Rebolei enquanto ele se jorrava dentro de mim, o tesão compartilhado ao mesmo tempo mostrava o quanto estávamos em sintonia.

Voltei à realidade dentro do carro com Jay quando o ouvi praguejar. Abri os olhos e meu coração acelerou ao perceber que estávamos parados próximos ao apartamento, pessoas ao redor corriam e gritavam.

— O que foi? — Coloquei o vaso ao meu lado no carro e me inclinei para a frente.

— Merda, acertaram o Bruno.

— Quem?

Ele saiu do carro, abriu a minha porta e me ajudou a ficar do lado dele. Com um braço em meus ombros, ele tentava me proteger. Meus olhos foram em direção à frente, local de maior movimento. Reconheci o carro e os funcionários de Oscar Daddy, para meu desespero.

Não!

— Calma, Simone, está segura comigo! — Jay tentou me segurar, eu me debati para fugir.

— Ele vai me machucar novamente.

— Não vou deixar.

Um tiro soou, o segurança curvou seu corpo em cima do meu para proteger. Agachei e me liberei do aperto, a segunda chance do meu bebê já tinha acontecido, eu não teria uma terceira, se caísse nas mãos de Daddy.

— Simone! — Jay sibilou, segurando firme meu braço, me machucando.

— Ah! — gritei de dor, ele me largou assustado e eu corri.

— Pare!

Desviei de um carro, depois de outra pessoa e me afastei, escutando a voz de Jay atrás de mim. Outro tiro soou, abaixei a cabeça de forma involuntária, mas não parei de me afastar do meu maior pesadelo.

Busquei no meu corpo o celular, eu precisava de Marlon, ele era o único que poderia me proteger. Olhei para trás, não encontrei Jay, apenas um monte de carros parados.

Virei na esquina, olhei novamente para trás e trombei com alguém. Arfei de susto e quase caí no chão, mas mãos firmes me seguraram. Meu corpo gelou ao reconhecer o toque, enchi meus pulmões para gritar por socorro, uma vez que era Oscar Daddy me segurando, mas ele acertou meu queixo com um soco.

Cambaleei, quase desmaiando.

— Como um rato em seu labirinto. — Oscar me empurrou para baixo e entrei em um carro. Estava desnorteada e preocupada com o meu bebê, mas sem saber como reagir que não fosse ceder.

— Me solta — resmunguei, cansada.

— A partir de agora, você só sai de perto de mim, morta.

Pisquei várias vezes, o balanço do carro em movimento não me ajudou a firmar o corpo. Tentei chorar ou gritar, mas a ameaça de Oscar ganhava cada vez mais força dentro de mim.

Cheguei à conclusão de que eu nunca tinha sido merecedora de uma segunda chance, afinal.



Marlon
DE SAN MARINO

Capítulo 16

Minha guarda estava baixa. Com a segurança que os homens da Irmandade Horus me proporcionavam, além de estar próximo de expor Oscar Daddy para que ele não interferisse na minha vida e de Simone, relaxei.

Eu estava feliz. Morava com uma mulher incrível que, mesmo com seus demônios e passado, eu aceitava e era recíproco. Ela estava se distraindo com a estufa do senhor Safreid e, em algum momento, sabia que precisaria proporcionar um pouco mais de lazer ou labor.

Simone era uma mulher extrema, queria vivenciar experiências em todas as áreas. A gestação, mesclado ao meu lado mais pacífico em lidar com o sexo, estava nos colocando em equilíbrio.

Antes de receber a ligação, eu tinha sentido um aperto no peito. No meio da reunião com Rômulo e Pedro Montenegro, meus parceiros de negócio e primos entre si, desliguei-me de tudo para pensar na minha mulher. Aquele horário, ela deveria estar voltando para casa, da estufa.

— Está tudo bem, Marlon? — Pedro perguntou, organizando os papéis em cima da mesa que estávamos sentados ao redor.

— Sim. Apenas preocupado. — Pisquei várias vezes e olhei para o relatório a minha frente. O trabalho também estava me causando angústia. — Cameron Reynolds está com alguns problemas em seu administrativo e financeiro. Ele não contou isso na época que negociamos.

— Sim. Quando nossa equipe de auditoria entrou em cena, foi a primeira informação que nos passou. — Rômulo cruzou os braços e me analisou. — Você tinha sugerido contratar alguém externo para confrontar nossas informações com a dele, um terceiro elemento e que fosse neutro.

— Sim. Acabei não tomando nenhuma decisão depois que mencionei. — Ergui o dedo e peguei o celular de dentro do bolso do paletó. — Só um minuto.

— Tem algo errado, eu ficaria preocupado igual — Pedro murmurou e eu me levantei, para atender a ligação do segurança Jay.

— Sim — soei urgente, com o telefone pressionando minha orelha.

— Senhor, houve um incidente. — Ele estava ofegante.

— Onde está Simone?

— Estávamos voltando da estufa, criaram uma emboscada e atingiram dois seguranças que faziam a guarda do apartamento.

— Onde está minha mulher? — soltei com raiva contida. — Ela está grávida e será você o atingido, se algo aconteceu com ela.

Virei em direção à porta e ignorei as chamadas dos meus associados. Saí da sala e fui em direção ao elevador do Edifício Monte-Castelo, eu não iria esperar a informação, iria atrás dela.

— Nada irá acontecer com ela. Coloquei um rastreador em seus brincos, estou com sua localização atual.

— Desgraçado! Ela foi raptada?

— Marlon, precisa de ajuda? — Rômulo apareceu ao meu lado e tocou meu ombro. O elevador abriu a porta e entrei, negando com a cabeça.

— Nada vai acontecer com Simone e no fim desse resgate, você terá tudo o que precisa para destruir com Oscar Daddy. Não queria que fosse assim, mas aconteceu. Simone se assustou e eu a perdi.

— Não quero suas justificativas, Jay, apenas minha mulher e seu bebê em casa, sãs e salvas.

Fechei os olhos e coloquei a mão entre eles, sentindo uma pontada de dor na região. Tinha me afeiçoado à mulher e não conseguia cogitar perdê-la, muito menos à criança gerada em seu ventre.

Poderia não ser minha, mas eu estava disposto a dar aquele passo, quando ela me desse abertura para falar sobre o assunto. Ela queria o nome do pai biológico na certidão, mas poderia ser o meu, aquele que criaria e daria as melhores oportunidades.

Saí do elevador no andar do estacionamento, o segurança que estava comigo já estava de prontidão ao lado do meu automóvel.

— Sinto muito, senhor. Eu irei reverter essa situação. — Jay voltou a se comunicar e suspirei, porque o homem era empenhado. Ele só não poderia ter falhado no meu turno. — Qualquer novidade, entro em contato ou repasso para a equipe.

— Tudo bem, apenas... que ela volte inteira.

Encerrei a ligação, a porta do passageiro foi aberta e me sentei. O segurança deu a volta no carro e se acomodou no assento do motorista, dando partida e manobrando rapidamente.

— Você sabe onde Jay está? — perguntei, ansioso demais com a situação.

— Sim, mas estamos indo para seu apartamento.

— Não. Quero uma arma, um colete e vou me integrar na equipe de Jay para recuperar Simone.

— Com todo respeito, senhor, não é assim que funciona. Estamos trabalhando para reverter a situação.

— Teimosos do caralho, eu não me importo com protocolo, eu tenho treinamento e vou salvar minha mulher. — Peguei meu celular novamente, encontrei o contato daquele que conversei para contratar a Irmandade Horus e chamei. — Vincenzo Rizzo?

— Merda — o segurança resmungou.

— Alô? Estou ciente da situação, Marlon de San Marino. Lídio também está envolvido com o resgate e coleta de provas. Tudo está sob controle, por pior que seja a situação.

— Pois informe para seus homens que eu não vou me sentar e esperar as coisas acontecerem. Tenho treinamento suficiente para ir atrás de Simone, sozinho. Ela está grávida, caramba!

— Me dê alguns minutos, Marlon.

— Apenas uma arma e colete. O resto, eu dou conta do recado.

Ele riu baixo e desligou, eu olhei para o espelho retrovisor interno para encarar o segurança que dirigia o meu carro. Eu os contratei e por mais que eles tivessem suas próprias organizações, tudo saiu do controle.

— Sim. — O homem à minha frente colocou a mão na orelha. Deveria estar falando com a equipe. — Seguiremos para o local seguro, dez minutos.

— O que foi? — perguntei.

— Vamos atrás da sua mulher, o senhor foi integrado à equipe. Assim que chegarmos, Jay repassará as instruções. Ele é o chefe da missão.

Deveria estar aliviado, mas não conseguia relaxar. Com os ombros tensos e a antecipação vibrando no meu peito, eu só ficaria bem com Simone em meus braços. Bem. Sem nenhum arranhão.

Tudo aconteceu rápido demais. A nossa paixão foi avassaladora, ela me mostrou que para tratar bem uma mulher não existia um padrão, como eu acreditava que era. Cada pessoa tinha uma necessidade e a dela beirava o que não era saudável.

Nós conseguimos encontrar um equilíbrio, descobrir seus gostos e adaptar aos meus me transformou em um homem apaixonado. Eu queria mais dela, desvendar todos os mistérios e inseguranças.

Eu queria uma família com Simone Muller. Sentia, apenas, que era o certo a se fazer. Sem explicação ou palavras bonitas, eu a amava. Aquela era a mulher.

Com a emoção à flor da pele, o carro parou no estacionamento de uma casa simples de bairro. Era tempo de ir para a guerra.

Simone
MULLER



Capítulo 17

O tremor em meu corpo não era de frio, mas medo. Estava com vontade de ir ao banheiro, mas me contive enquanto olhava os homens de Daddy andando de um lado para o outro no apartamento luxuoso.

Aqui não era onde eu convivia com ele. Em poucos minutos e observando, descobri que o homem que aceitei ser sugar baby nada mais era que um depravado, com muitas mulheres a seu dispor.

Deveria estar chateada, porque acreditava ser a única, mas eu só sentia medo. Queria preservar meu bebê e correr para os braços de Marlon. Foda-se o passado, a agressão e a enganação, meu presente fazia com que tudo tivesse valido a pena.

Cruzava e descruzava as pernas, estava inquieta e prestes a sair correndo. Se não fosse o tanto de gente entrando e saindo dos cômodos, eu já o tinha feito.

As estrelas já brilhavam no céu, a noite aumentava a escuridão que se formava em meu peito. Ansiava por ser resgatada, mais uma vez, por aquele que era dono do meu coração. Marlon de San Marino fez mais do que qualquer outro, ele me mostrou que é possível amar sem dor.

Ele nunca reclamou do acompanhamento terapêutico, nem rebateu meus gostos peculiares na nossa intimidade, apenas transformou minha vida.

Quanto ao bebê, ele nunca o rejeitou, mas também, não dizia se o queria comigo. Confiava que ele me aceitava, bem como todo o pacote confuso que eu era. O monstro da insegurança, mesclado à situação de sequestro, me motivavam a fazer algo imprudente, para fugir de sofrer, mais uma vez.

— Desculpe a demora, querida. — Oscar apareceu, ele parecia outra pessoa, com aquele tom melodioso. — Está com fome?

— Não. — Balancei a cabeça.

— Quer ir para o quarto? — Aproximou-se e tocou minha bochecha com o dorso da mão. Afastei-me por instinto e a mão dele veio espalmada, com um tapa forte. Arregalei meus olhos, assustada que poderia começar a pancadaria mais uma vez. Recolhi minha perna na poltrona e me encolhi. — Olha o que você me fez fazer!

— Eu quero ir embora — choraminguei. O arrogante me encarava em um misto de raiva e nojo.

— Você é minha, nunca deveria ter fugido.

— Não somos compatíveis.

— Ah, nós somos. Você é a única que me ama e me deixa fazer o que quiser com o seu corpo. — Ele segurou em meu braço e

me fez levantar. Olhou para a minha barriga e depois para o meu olho novamente. — Engordou demais.

— Não — murmurei, coloquei meu braço na frente com medo dele me bater.

— O melhor é ficar sem comer mesmo. Vamos brincar um pouco.

— Pare, Daddy. — Tentei recuar, ele me puxou para o corredor. — Tem muita gente no apartamento.

— Você nunca foi tímida. Pelo contrário, adorava que outros machos te tocassem. — Riu com escárnio e busquei apoio nas pessoas ao redor, mas fui ignorada. — Venha!

— Eu não sou mais assim! — Continuei fazendo força contra, mas não adiantava nada, continuava sendo levada para o quarto. — Me solta!

— Ah, já começou? — Ele me pressionou contra a parede e tentou me beijar, seu hálito e seu cheiro me faziam querer vomitar. — Puta! Fique quieta!

Segurou em meu pescoço, fechei a boca e os olhos, fiz força para conseguir respirar e acabou pressionando minha bexiga. Fiz xixi nas calças, ele percebeu e se afastou, dando outro tapa em minha face.

— Arrumem isso ou eu vou matar essa vadia.

Abri os olhos para vê-lo se afastar. Comecei a chorar e um homem se aproximou, me pegou pelo braço e me empurrou para um banheiro próximo.

— Me ajude — implorei, mas o capanga de Oscar Daddy me ignorou, fechou a porta e a trancou pelo lado de fora.

Poderia me limpar e ficar sem roupa, mais vulnerável do que estava. Lavei o rosto e controlei a respiração, para que o pânico não me dominasse.

Tirei a calcinha, lavei na pia e a coloquei de volta, o mínimo de dignidade eu teria. Usei uma das toalhas para me sentar em cima e fiquei no vaso, esperando algo acontecer.

Alisei minha barriga e me sentia mais calma, o exercício de respiração, realmente, era eficaz como a terapeuta tinha me ensinado. Continuei com inspirações profundas e exalando sem pressa, não ter ninguém me encarando contribuía para a paz forçada.

— Não deixarei que nenhum mal te aconteça — falei para meu bebê. A intuição de que era uma menina veio forte, como Patrícia tinha comentado comigo no nosso encontro.

A porta se abriu e lá estava Oscar Daddy, me encarando com uma serenidade forçada. Tive um insight para que eu pudesse lidar com aquela situação. Se ele queria fingir que era um bom moço, eu poderia atuar como uma boa prisioneira.

— Você está assustada, como um cordeirinho.

— Sim, Daddy. Eu me sinto muito solitária. — Fiz bico e olhei para baixo, fingindo.

— Volte para mim e me deixe cuidar das suas necessidades. Tenho dois encontros com empresários importantes, eles querem conhecer aquela que trepa como nenhuma outra.

— Estou cansada de dividir, eu só quero você — comentei, sentindo a bile subir pelo esôfago por conta da inverdade. Era necessário, o homem parecia acreditar nas minhas palavras.

— Não era isso que você falava.

— Eu mudei. — Dei passos em sua direção, alisei seu rosto e tentei não fazer uma careta. — Que tal...

— Estou ocupado. — Segurou com força no meu pulso e afastou minha mão, ele estava sério. — Tire a roupa e me espere no quarto, eu preciso resolver pessoalmente a merda que você fez.

— Como assim?

— Foi abrir as pernas para o idiota do San Marino, agora ele acha que pode reclamar algo sobre você. — Bufou.

— Marlon está aqui? — Tentei passar por ele, que me empurrou para dentro do banheiro novamente. A emoção de poder ser resgatada fez minha atuação cair pelo ralo.

— Nunca deveria ter feito acordo com ele. Tentei evitar conflito e mexer com aliados da família Azevedo, mas não terá alternativa.

— Não faça nada com ele, por favor. A culpa é minha.

Voltei a me aproximar, ele segurou no meu braço e me levou para um quarto, jogando-me na cama.

— Sim, você é a culpada de ter uma boceta doce, que encanta todos que fode. — Ele ficou por cima de mim e me remexi, com medo dele começar o que eu não estava mais disposta a fazer com ele.

Sexo não era mais sobre prazer, apenas a conexão com aquele que tinha meu coração.

— Para, Daddy. Eu não quero mais sentir dor.

— E não vai. Quem o fará será Marlon de San Marino, aquele que nunca deveria ter colocado o pau em você.

Parei de lutar e o encarei com assombro, como se aquela informação estivesse perdida no fundo da minha memória. Eu estava embriagada demais, exausta de transar com homens desconhecidos e forçada a ir ao limite da dor, quando o vi pela primeira vez.

Era Marlon. O homem que me fez encontrar a luz em meio à escuridão que eu vivia. Era o lado bom do lodo ao meu redor, que a flor de lótus em mim desabrochou.

Aquele filho poderia ser dele também.

— Sim, vagabunda, ele irá morrer por sua causa e você pedirá para que eu te puna com tanta surra, que irá gozar a cada

tapa na cara que eu te der.

Ele confundiu meu assombro com culpa, saiu de cima de mim e me trancou no quarto. Levantei-me apressada, tentei abrir a porta, mas não consegui.

— Me tire daqui! — Bati com a mão aberta na madeira, virei a maçaneta e comecei a chorar. — Por favor, não o mate.

Era a minha segunda chance, o meu felizes para sempre, eu ia lutar por ela, por nós três.

Simone
MULLER



Capítulo 18

Parei de bater na porta, por saber que não seria atendida. Olhei ao redor, percebi que era um cômodo pessoal de Oscar Daddy e fui explorar. Um senso de urgência surgiu, abri a primeira gaveta da cômoda e encontrei muitas pastas, papéis e caixas pequenas. Abri uma delas, tinha pedras transparentes, brilhantes.

Diamantes!

Peguei a primeira pasta e li as primeiras linhas do papel, era o recibo de pagamento, cheio de cláusulas absurdas. Nem precisava ter conhecimento na área para saber que se tratava de chantagem.

Marlon não estava apenas cuidando de mim e lidando com exames para descobrir o pai do meu filho, mas tentando expor Oscar Daddy. Ao descobrir que ele faz chantagens e tem provas, além de objetos, será um banquete para a polícia ou algum site de notícia.

Fui para o closet, busquei em meio a roupas e organização uma mala em que eu pudesse guardar tudo. Não só achei uma maleta, como dentro dela havia mais papéis comprometedores.

Apressada, voltei para a cômoda e joguei tudo o que tinha da primeira gaveta na maleta. Quando abri a segunda, havia uma arma envolta em um tecido manchado de vermelho.

Inconsequente, peguei-a com a mão trêmula e a segurei com o pano ao redor, seria meu passaporte para sair dali sem que eu fosse abusada.

Abri as outras gavetas e tirei o máximo que consegui. Fui até a poltrona perto da porta do banheiro, fiquei atrás e mirei para a porta. Pronto, eu estava armada e morrendo de medo.

Um barulho do lado de fora me assustou, dei um grito e apertei o gatilho, mas nada aconteceu. Droga, a arma tinha trava de segurança. Outro som me alertou que algo acontecia do lado de fora do quarto, tentei encontrar uma forma de fazer aquela coisa funcionar, mas só me desesperei.

Não era só atirar? Caramba, eu nunca reparei nos filmes, como funcionava aquela geringonça!

— Simone! — a voz de Jay ecoou. Suspirei, uma mescla de alívio e receio em dominando.

— Onde ela está? — A porta foi aberta e quem entrou na minha mira foi o meu salvador.

O único homem que eu queria por perto.

— Marlon! — Larguei tudo, dei a volta na poltrona e corri para os seus braços. Ele estava com o cabelo bagunçado, tinha marcas no rosto e um olhar selvagem. Quando seus braços me rodearam, eu sabia que estava tudo bem, o pesadelo tinha terminado. — Oh, meu Deus, você veio.

— Você está bem? — Beijou minha cabeça, forçou que eu me afastasse para me inspecionar da cabeça aos pés. Ele tinha uma roupa preta e dura, diferente do seu habitual terno. O sapato social ainda se matinha. — Ele te machucou?

— Não, mas você o fez nele. — Toquei seu rosto e ele fez o mesmo, a região estava dolorida. — Foi só um tapa, Marlon.

— Desgraçado, eu deveria ter atirado nas bolas dele. — Abraçou-me novamente. — Acabou. Vamos embora, a polícia chegará e lidará com a irmandade. Você foi sequestrada, é prova suficiente para tirar Oscar Daddy da jogada.

— Tem mais. — Apontei para a poltrona. — Coloquei tudo o que achei em uma maleta, tem também na cômoda. Ele cobrava dívidas e tinha recibos com termos sem noção.

— Aquela arma estava no meio?

— Sim, eu queria me proteger e ao bebê. — Apertei-o contra mim, aliviada. — Você veio.

— Claro que sim. Vesti minha armadura e fui para a guerra, você é minha mulher, Simone. Cuidar e proteger, como prometi.

— Sua e grávida. — Fechei os olhos e deixei para contar do insight em um local seguro.

— Revistem o quarto, tem mais provas contra o arrogante de merda. — Marlon anunciou e me puxou com ele, pelo corredor. Suas mãos desceram pelo meu corpo e sentiu o molhado. — O que foi isso?

— Nada aconteceu, eu só quero ir embora para casa.

— Tudo bem, vamos. Jay cuidará de tudo.

Abaixei a cabeça e deixei-me ser conduzida por Marlon. Novamente, o apartamento estava cheio de homens, alguns fardados da polícia, outros com o mesmo uniforme preto que Marlon estava.

Tinha homens estirados no chão e sangue, tentei não absorver demais aquela situação, eu só precisava sair dali.

Entramos no elevador com outros homens, descemos até a portaria e não falei com ninguém, apenas Marlon interagiu. Sentia-me protegida, eu tinha conseguido lutar pela minha segunda chance.

Dentro do carro, no banco de trás e abraçada ao meu protetor, deixei que a exaustão me tomasse. Estava tudo escuro, com certeza era madrugada e eu só queria relaxar, sem me preocupar.

— Pode dormir, eu te carrego — ele murmurou próximo do meu ouvido. — Chamei um médico para ver o bebê também.

— Estamos bem. — Peguei sua mão e a coloquei em cima da minha barriga. Ele acariciou a região e me relaxou ainda mais.

— Se acontecesse algo com vocês...

— Aceitou o pacote completo, pelo visto. — Bocejei.

— Nunca pensei diferente, quando te peguei nos braços e levei para o hospital. Eu te amo, Simone.

— Também te amo.

Chacoalhei, recebi carinho e sonhei com muitos homens me observando, mas apenas Marlon me tocando. Ele não batia, nem provocava dor, apenas adoração e plenitude.

Acordei com o cheiro fresco de chá de camomila, cafuné e música.

“Vá até eu não aguentar mais

Finja que está tudo bem como se eu estivesse bem

Eu quero ser eu quero ser imprudente

Quando tudo que eu quero é me sentir vivo

eu quero ser eu quero ser

Eu quero ser imprudente”

Lowborn – Reckless

Espreguicei-me e não senti nenhum puxão, estava nua debaixo do edredom confortável. Abri os olhos e encontrei Marlon sentado na cama, me vigiando e sorrindo, vestindo apenas um short de dormir.

— Como se sente?

— Viva. — Coloquei minha cabeça no seu colo e fechei os olhos. — Você disse que um médico ia me examinar.

— Sim, estava esperando você acordar. Achei prudente apenas eu te tocar enquanto estava indefesa, dormindo.

— Sabe que não tenho problema com isso.

— Também estou aqui para te proteger, mesmo que não te incomode. — Colocou meu cabelo atrás da orelha. — Quer algo?

— Sim. — Deslizei a mão do seu joelho até a virilha. — Estou me sentindo um pouco quente.

— Podemos fazer o que quiser, depois do aval do médico. O que acha? — Deslizou na cama, ficou cara a cara comigo e sorriu. — Você passou por um momento intenso.

— Eu lido com meus conflitos de uma forma diferente que o normal, sabe disso. — Mordi o lábio e enrosquei uma perna na dele. — Mas tem razão, quero saber se o bebê está bem.

— Sim, preciso garantir a saúde dos dois antes de voltarmos às nossas atividades físicas diárias. — Beijou minha testa e minhas bochechas. — Também poderia fazer o que quiser, sem se preocupar em ter segurança ao redor.

— Vou perder minha diversão diária de ver Katherine e Jay brigando.

— Como?

— Esqueça. — Suspirei e saí dos seus braços com muito custo. — Vou pôr um robe, pode chamar o médico. Aproveite para tirar sangue também.

— Por quê?

— Nós transamos também. — Olhei por cima do meu ombro e ele se sentou na cama. — Eu não me lembrava, estava bêbada. Na verdade, eu sempre estava bem alcoolizada para as surubas de Daddy.

— Você quer dizer que... esse filho também pode ser meu?

Talvez aquela não fosse a melhor forma de dizer, por isso dei de ombros e acenei afirmativo, como se não fosse grande coisa. Mas era, seria a catarse que eu estava ansiando realizar.

Simone
MULLER



Capítulo 19

Sentada na cama, o médico colocou um objeto na minha barriga que mais parecia um pequeno microfone. Conectado a uma caixa de som com um monitor, ouvi o barulho firme e constante de um coração acelerado, batendo.

Meu olhar foi direto ao de Marlon, que sorria aliviado enquanto apertava minha mão com carinho.

— Parece que está tudo bem, senhorita Simone. O melhor seria confirmar com um exame mais detalhado de ultrassom. Houve um trauma, todo cuidado é pouco.

— Então, ele está vivo?

— Sim. — O médico sorriu, aliviando minha tensão. — Você é uma mãe muito valente, esse é o segundo susto que leva. Ainda bem que teve apenas uma pequena lesão no rosto, logo passará o inchaço.

— Foi a última, doutor. — Marlon beijou minha cabeça.

— Bem, da minha parte está concluído. O pessoal do laboratório deve estar chegando para o outro exame.

— Muito obrigado pela paciência. Eu te acompanho até a porta.

— Continue com o tratamento psicoterapêutico, faça atividades físicas moderadas e beba muita água.

— Nada fora do que estava fazendo. — Alisei minha barriga e vi os homens saírem do quarto. — Tchau.

Além das últimas recomendações, o médico tinha liberado para que eu voltasse à minha rotina. A normalidade iria acalmar meu coração e dar conforto para o bebê, o que era o mais importante.

Perdi-me em pensamentos, olhando para a parede e acariciando meu ventre. Seria perfeito se o bebê fosse de Marlon, apenas comprovaria o quanto os nossos destinos estavam entrelaçados.

Ele estava disposto a assumir a criança como dele, caso desse negativo. O homem maravilhoso também concordava em deixar o nome do pai biológico, como era do meu gosto.

A verdade era que eu não me importava mais, a família que eu merecia estava ali.

Marlon voltou para o quarto e me tirou dos devaneios. A moça do laboratório tirou meu sangue e já tinha feito com o meu namorado. Foi tudo muito rápido, não era só eu que queria celebrar as boas notícias.

Fiquei no meio da cama e Marlon subiu em cima de mim, deixando um rastro de beijos até chegar à minha boca. Desfez o laço do robe e repuxou a camisola, ele me queria nua.

A temperatura subiu, estava pronta para ele, mas queria começar de outra forma.

— Podemos fazer do meu jeito? — perguntei, soltando um risinho melindroso.

— Não.

— Marlon!

— O quê? — Beijou meu pescoço de um lado e sugou do outro, me fazendo gemer. — Pensei que você soubesse quem mandava aqui.

— Nós.

— Oh, golpe baixo. Está sendo justa, não disputando o poder. — Ele puxou a alça da camisola para baixo e expos meu seio. Sugou antes de continuar a falar, me fazendo retorcer de prazer. — Como quer fazer, minha Lótus?

— Tire a roupa e sente-se na beirada da cama, eu vou te chupar.

Sorri piscando os olhos, ele subiu para me encarar e concordar com um aceno. Saiu de cima de mim, se livrou da roupa e fez como eu pedi.

Primeiro, sentei-me atrás dele, minhas pernas colaram nas laterais externas da dele, minhas mãos passearam pelo seu corpo e deslizaram por todas as suas ondulações.

Cheguei ao seu membro, envolvi meus dedos nele e o masturbei, sem pressa para levá-lo à loucura. Mordi seu ombro, enquanto minhas mãos subiam e desciam, a pele deslizava proporcionando prazer.

— Isso é bom — ele comentou, rouco. — Mas não estou te escutando gemer.

— Oh, sim — forcei o erotismo, ele respirou fundo. — Eu quero te fazer gozar primeiro, para que todo o resto seja apenas sobre mim.

— Vai pôr sua boca em mim?

— Vou tomar tudo de você, Bonitão.

Saí de trás dele, desfiz-me do robe e improvisei uma dança. Seu olhar queria me devorar e me incentivou a sensualizar ainda mais.

Tirei uma alça da camisola, rebolando e mordendo o lábio inferior, cheio de provocação. Virei de costas e o surpreendi, segurando-a na barra e tirando-a por cima, ao invés de deslizar pelo meu corpo.

Empinei a bunda, rebolei e recebi um tapa estalado no quadril. Virei-me e ajoelhei, dando poucos passos para que meu rosto encontrasse seu pau. Abri a boca e não fiz cerimônia, suguei e usei a língua para excitá-lo.

Subi e desci, olhei-o enquanto meus lábios estavam ao redor da sua ereção e toquei suas bolas. Apertei a base do jeito que

eu sabia que ele gostava e continuei a tomá-lo, o salgado do seu fluído inicial já estava me preparando para a sua porra.

Marlon se apoiou em seus braços, com as mãos para trás, inclinou a cabeça e fechou os olhos, me deixando no controle do seu prazer. Passei a mão no seu tórax, suguei com força e mantive o ritmo, até que seus gemidos mudassem de tom.

Gozou com intensidade na minha boca e não senti nojo, apenas desejo de tê-lo dentro de mim de muitas formas. Lambi e tomei do seu prazer, até que ele retornasse do seu orgasmo.

— Puta merda — murmurou, arrebatado.

— Puro tesão. — Levantei-me com as mãos em suas coxas, fui para a cama e fiquei deitada atrás dele, com as pernas abertas. Ele se virou e sorriu, percebendo que estava facilitando para ambos. — Sua vez de lambuzar a boca.

— Você está em desvantagens, sabia disso?

— Não.

— Eu preciso de um tempo antes de irmos para a segunda vez. Você não terá pausa entre um orgasmo e outro.

— Só vejo benefícios.

— Então, estamos quites.

Com a língua para fora, ele foi de baixo para cima na minha boceta, molhando e provando. Com os dedos, abriu-me para sua

degustação, a pele sensível da região sentia a textura da sua língua e o quanto estava úmida a região.

Segurei no lençol e curvei meu corpo, exalando prazer. Marlon colocou a mão entre meus seios, para me manter parada e continuou com a tortura de luxúria, explorando a região e se esfregando em meu clitóris a cada oportunidade.

Estava prestes a rosar para que investisse de uma vez, mas não precisou, ele entendeu os sinais que meu corpo dava e sugou o local que mais ansiava por pressão. Olhei para baixo e a cena erótica me deixou próxima a gozar, com os olhos de Marlon me encarando e sua boca cobrindo minha boceta.

Colocou um dedo na minha entrada e pressionou o local certo, estimulando dois pontos ao mesmo tempo. Gritei e gozei, sem conseguir rebolar em sua boca, porque sua mão ainda se mantinha entre meus seios, para que eu ficasse parada.

Como prometido, não tive descanso, ele se afastou quando dei meu último suspiro orgástico. Virou-me de bruços, bateu na minha bunda e se meteu na minha boceta, sem antes eu ficar de quatro.

Cruzei as pernas e ele continuou as investidas, apertava minhas nádegas e me montava, como um cowboy em perseguição. Acreditei que ele não se recuperaria tão rápido, mas Marlon era tão necessitado de sexo quanto eu.

Éramos perfeitos um para o outro.

Cobriu meu corpo com o dele e sua boca encontrou meu ombro, deixando mordidas firmes na região. Intercalou sugando a pele, sem parar de meter e nossos corpos se chocarem.

— Você é tão gostosa.

— Oh!

— Fica de quatro.

— Era o que eu pretendia, mas você está mais desesperado que eu. — Virei o rosto para encontrar sua boca. Enquanto nos beijávamos, ele saiu de mim e me ajudou a colocar mãos e joelhos na cama.

Ergueu seu tronco, apertou minha cintura e voltou às arremetidas frenéticas, estava a um passo de gozar mais uma vez.

Seus dedos envolveram meu cabelo, levantou meu corpo e me masturbou para que chegasse ao ápice mais rapidamente. Apoiei minha cabeça em seu ombro e me rendi, gemendo e arfando, o tesão se transformava em alívio.

— Eu te amo, Marlon.

— Casa comigo, Simone?

Simone
MULLER



Capítulo 20

Pedi um minuto abraçada em seu colo antes de irmos buscar o resultado do exame DNA. Dentro do carro, no estacionamento do laboratório, coloquei uma música, fechei os olhos e deixei que meus sentidos se acalmassem.

"O futuro está aqui

Eu vejo tudo muito claro

Qualquer segundo

Eu continuo adivinhando

A maneira que será

Jogador Desafiante"

Cameron James – Game Changer

— Nada vai mudar e será do seu jeito. Fica tranquila. —
Marlon acariciou minhas costas e eu queria socar a cara dele.

— Minha preocupação não é a sua rejeição.

— Então, o que é?

— Prometi que encontraria o pai dessa criança. Quero que seja você.

— E pode ser.

— Se o exame der negativo, não.

— Independente do resultado — ele pegou meu rosto com as mãos e me afastou para poder me encarar —, é nossa família.

— No dia que você não me quiser mais...

— Impossível. Mas, vamos lá. — Ele fez uma careta e revirou os olhos. — Eu estive nos seus piores momentos. Escolhi ficar ao seu lado e, se porventura alguma coisa acontecer, esse bebê continuará sendo meu. Você também.

— Se eu morrer, você cuidará dela?

— Ela? — Arregalou os olhos.

— Ainda vamos fazer o ultrassom, mas eu sinto que é menina.

— Será amada e tratada como uma princesa. — Alisou meu rosto. — Está tudo bem, Simone. Não importa quantos monstros iremos combater em nossas vidas, desde que estejamos juntos, estaremos prontos.

— Eu preciso te compensar com algo.

— Além de amor? — Beijou minha boca. — Além do sexo, conversa e momentos vendo filmes?

— Isso não entra no cálculo.

— Mas entra na sua boceta, gostosa e molhada — murmurou provocante, ele me fez cócegas e eu saí do seu colo. — Vamos, Lótus.

— Sim. O exame não mudará o resultado se eu for agora ou daqui a uma hora. — Abri a porta do carro e saí.

Fui para a frente, ele se encontrou comigo e entramos no laboratório de mãos dadas. Ele pegou o resultado do exame e falou com as atendentes, não abri o envelope, optei por segurar enquanto nos encaminhávamos para o prédio do lado, para o ultrassom.

Aguardamos ser chamados, aquele envelope queimava em minha mão. Marlon continuou com sua tranquilidade e sorriso cativantes, inclusive fiz cara feia para uma moça que o olhava admirada demais.

Aquele homem já estava amarrado e, por Deus, que eu não virasse uma mulher ciumenta, porque eu seria a pior delas.

Fui chamada, Marlon tirou o envelope da minha mão com naturalidade e me fez conversar com todas as profissionais. Perguntaram a data da minha última menstruação, quando fiz o último exame de imagem, se estava me sentindo bem, se não perdi líquido... eram sempre as mesmas perguntas.

De vestido, apenas o levantei e me deitei na maca. O gel gelado foi passado na minha barriga, um pouco de papel toalha foi

posto na minha calcinha para não molhar e aguardei as imagens aparecerem na televisão.

— Como se sente? — a médica perguntou.

— Ansiosa. É menina?

— Calma. Vamos olhar para outras coisas antes do sexo, tudo bem?

— Sim, o importante é saber se está bem. — Soltei um riso baixo e busquei o olhar de Marlon, que olhava para o papel em sua mão. — Oh, meu Deus.

— Presta atenção no exame. — Ele apontou para a médica e eu rosnei. — O que foi?

— O que diz aí?

— A verdade.

Abri a boca em choque por sua provocação, estava pronta para rebater. Um som cheio e ritmado tomou conta e virei o rosto para a médica, era o coração do bebê. Mesmo que tivesse ouvido há alguns dias, era sempre um grande alívio saber que estava bem.

— Quando você começar a sentir os movimentos dela, esse momento de tensão vai passar. — A doutora acenou afirmativo. — Olhe só, está fácil de identificar. É menina.

— Nossa menina. — Marlon beijou minha testa e estava com voz embargada. — Estava debaixo do nosso nariz, Simone. Esse bebê é nosso.

— Ainda bem que tem porra potente. — Tampei a boca com a mão e os dois riram. — Sinto muito, eu me empolguei.

— O tamanho e peso estão adequados para o tempo de gestação, apenas o líquido que está no limite do saudável. Tome muito líquido e sais minerais, vai ajudar a repor o que perdeu.

— Com certeza.

Estava nas nuvens. Não imaginava que poderia chegar a tal ponto de euforia. Nunca pensei que a felicidade poderia ser melhor que cinco orgasmos em uma noite de sexo.

Limpei-me quando o exame acabou, conferi o papel que Marlon leu e o joguei fora na primeira lata de lixo que vi do lado de fora da sala. Pulei em seu colo, sendo a louca de sempre, envolvendo braços e pernas.

Deixei muitos beijos no rosto do meu homem, que ria e segurava o choro de emoção. Se ele estava se sentindo daquele jeito, eu então, era o nirvana.

— Acho que estamos chamando muita atenção. — Ele deu passos largos para sair do ambiente cheio de olhos em nós.

— Eu preciso comemorar. Você tem noção do que estou sentindo?

— Talvez você não tenha noção da minha felicidade. — Saímos para o estacionamento e ele me colocou no chão, quando chegamos ao lado do seu carro. — Vivi por muito tempo sem me conectar com ninguém por mais de alguns dias. Rômulo era o único

próximo, porque estávamos envolvidos com os negócios, além da festa da luxúria. Vi minha mãe ser maltratada e fiz uma promessa, de que todas as mulheres que passassem em minha vida tivessem um destino diferente daquele que ela teve. Você não só me deu a oportunidade de cumprir minhas palavras, mas deu um novo significado, ao meu dar uma filha. Não preciso salvar todas, apenas aquela que alcançou meu coração.

Pressionei os lábios, emocionada. Não sabia o quanto a minha história de vida se conectava com a essência dele. Eu também nunca quis me prender a ninguém, principalmente os homens, porque eles já tinham me decepcionado demais. Encontrei na dor, minha forma de sentir prazer.

Com Marlon, encontrei o amor sem amarras ou condições. Repentino e intenso, sabendo que tinha sido ele aquele que me deu uma segunda chance, eu estava disposta a mudar.

Eu já estava me transformando. A flor em meio a lama estava desabrochando e dando frutos.

Mesmo intenso, não consegui chorar. Eu sorria como se fosse impossível encontrar um ponto triste na minha história. Não seria fácil olhar para trás e aceitar tudo como foi. Mas, com certeza, ao olhar para o presente, eu teria força para respirar fundo e concordar que, precisei passar por tudo, para estar plena.

— Sim para sua pergunta.

— Qual?

— Te deixei no vácuo naquele dia. Aceito me casar com você, sua família está aqui.

— Vamos para o cartório? Rômulo consegue usar sua influência para iniciarmos o processo de união o quanto antes.

— Quero ser a senhora San Marino, para o resto da vida.

— Então, não vamos perder mais nenhum minuto.

Ele me pegou no colo como uma princesa, me girou e depois abriu o carro, me colocando no banco do passageiro.

Sem medo ou preocupação, nosso foco era apenas em nossa satisfação.

Simone
MULLER



Epílogo

Anos depois...

Dei uma cotovelada em Patrícia, que riu e olhou na mesma direção que eu. As meninas corriam pelo gramado da estufa, Rômulo e Marlon corriam atrás delas, como se fossem quatro crianças. O meu homem tinha caído no chão e os outros três tropeçaram, caindo em cima dele.

As reuniões de domingo eram sempre assim. Às vezes na estufa do senhor Safreid, outras vezes na fazenda de Marlene, irmã de Patrícia.

— Eles se divertem mais que a gente — minha amiga comentou, estávamos sentadas em um banco de jardim, coberto por um pergolado que ajudei a fazer.

— Não, eu gosto de descansar um pouco e fofocar com você. — Pisquei um olho para ela, que riu e concordou com a cabeça. — Novidades da fazenda?

— Jay e alguns colegas da Irmandade foram passar um fim de semana por lá, para treinar. Marlene não para de falar em Lídio. Sabe quem é ele?

— Ouvi falar, mas não me lembro do rosto.

— Esses homens musculosos, protetores e carrancudos são muitos para a minha irmã.

— Ou pouco, porque com ela, só um brucutu para domar a onça. Enquanto você é a pacífica, ela é a moça que vai para a guerra.

— Ainda bem que não precisamos mais deles.

— Chega de sombras intimidadoras. Depois que Oscar Daddy foi preso, não quero saber de segurança pessoal, nem armas ou confusão.

— Ah, quando estamos envolvidas, sempre há muita emoção. — Ela estendeu a mão e entrelaçou os dedos com o meu. — Lembra-se do meu parto?

— Nós andando na feira, comprando aquelas frutas suculentas? Você achou que tinha feito xixi, mas pelo cheiro, eu sabia que era a bolsa que tinha estourado.

— E a senhora da barraca de doces gritando socorro para todos os lados, só porque eu fiz uma careta de dor? A contração veio junto, Lavínia queria sair.

— Ela sempre consegue o que quer.

— Sempre. — Rimos e voltamos a encarar os homens brincando com suas filhas. — Andamos de ambulância e Rômulo me esperava desesperado no quarto. A cada gemido de dor, ele chamava a enfermeira.

— Homens desesperados.

— E apaixonados. — Patrícia alisou a barriga. — Estamos tentando mais um. Também temos planos de nos mudarmos para uma casa, com quintal grande para construir uma casa na árvore.

— Para vocês ou para as crianças? — Revirei os olhos e ela riu. — Bianca gosta do apartamento, fala que as estrelas estão mais perto de onde estamos.

— Eu me preocupo com as janelas.

— Tem grades e eu já ensinei sobre os perigos, estou acostumada. — Acenei para a minha filha, que tinha feito o pai de cavalo. — Não tem jeito, Marlon é montado pelas duas.

— Simone!

— Uma brincadeira entre nós, pare de pudor. — Balancei a mão na sua frente, ela segurava o riso. — Nem quero imaginar quando eu precisar ter a conversa sobre sexo com ela.

— No momento, estou preocupada em fazer com que Lavínia aprenda a usar o banheiro sozinha. Um desafio de cada vez.

— Bem pensado, Patrícia. — Arregalei os olhos e sorri com provocação, ela fez uma careta. — Falando nisso, já podemos fazer aquela tatuagem. O filho do senhor Safreid é um ótimo tatuador em Cedro Rosa.

— Será? Preciso ver com minha médica, se já estou liberada.

— Para de frescura. Eu farei uma flor de lótus e você, um vaga-lume.

— Não gosto de ser picada. Ainda não estou preparada.

— Sei que você gosta de picadura.

Ela soltou um riso alto, chamando atenção dos homens e as crianças. Minha filha saiu das costas do pai e correu em minha direção. Abracei-a com força, sentindo seu cheiro e lembrando que tudo valeu a pena.

— Oi, meu amorzinho. Está se divertindo?

— *Qué brincá na rêia*, mamãe. — Bianca se afastou e deu pulinhos, Lavínia fez o mesmo pedido.

— Vamos lá, hoje o dia é de muita bagunça.

Marlon me deu um selinho, pegou nossa filha no colo e andamos com nosso casal de amigos e sua filha. Seis pessoas, duas amigas e um caminho, aquela matemática nunca foi tão perfeita.

Agradecimentos

Se vivo a minha realização profissional, é graças à família. Fabricio, Amanda e Daniel, minha fonte de inspiração e amor. Eu me realizo profissionalmente, vocês me proporcionam bons momentos.

O bastidor da criação de livros está cada vez mais emocionante porque eu tenho a mais querida parceira ao meu lado. Liziane Nogueira aceitou o desafio e continua embarcando nas minhas aventuras, sem medo de ser feliz. Gratidão por acreditar. Eu também acredito em você!

Para as maravilhosas do Legalzonas, Ventas, Os Seis Elementos, LS e DesafioMariSales. Minha rotina é mais animada tendo vocês comigo. Parceiras de universo literário, vocês têm um lugar em meu coração. Juntas vamos mais longe!

Um abraço especial para Ray e Sônia. Vocês são aquelas que estão vibrando e torcendo por mim, contribuindo para a qualidade e o amor que transmito em palavras.

Mesmo não sendo um livro de parceria, vocês estão sempre comigo no voo solo. Jessica Macedo e Rosimeire Gouveia, gratidão pela acolhida, o apoio e os sábios conselhos.

Para elas! Um beijo especial para as minhas leitoras, que estão juntinhas comigo, entre uma cantoria e um surto. Seja no

grupo “Leitoras da Mari Sales” ou no “Vício em Livros DLM”, vocês me fazem sorrir todos os dias.

Dose extra de gratidão para as participantes da leitura coletiva do livro “Virgem e Minha”, primeiro volume da série Festa da Luxúria: Lizi, Cristina, Lauryen, Patricia Almeida, Juliana Lelis, Érica, Mariana Telles, Patricia Dutra, Paula Beatriz, Karina Stoco, naê Ezequiel, Ivana Sandes, Ana Roen, Elizangela Paiva, Carla Staub, Myslannia, Nay, Andréia, Elena Ribeiro, Tatiane Nascimento, árcia Leão, Nedja Mendes, Livia Guanabara, Paty Silva, Nalu, Jaqueline Silva, Giane Silveira, Rosyh Ferreira, Paloma, Thatyana, Eliaci Puga, Nil, Leidiana, Tatiana Lima, Adelle, Gilcélia Martins, Renata Ferreira, Daiany, Aline Gomes, Lúcia Cristina, Lidianne, Gislaine, Beatriz Soares, Mayana Carvalho, Márcia Procópio, Lorrany, Janaina Batista, Sarah Rabelo, Gilma, Marcelle, Regina Fabbris, Luciana, Carlinha Pessoa, Gabriela de Oliveira, Hellena Oliveira, Ionara Consuelo, Carina Timm, Helineh, Ana Paula Silvério, Ray, Roberta rosi, Yslai, Juciele, Éveny Alves, Cilene, Agda Assis, Marlene Feitosa, Marisa Gomes, Thais Rachetti, Luana Manhães, Arlene Lopes, Nérita Carvalho, Luciana Dias e Ticyanne.

Quando me perguntam sobre o que fazer para apoiar o meu trabalho, digo: me leia de forma genuína. Se se sentir tocada, compartilhe. É grandioso, por mais simples que possa parecer. Se chegou até aqui, saiba que você faz parte desse momento, mesmo não tendo seu nome explícito. Eu vejo você. Gratidão.

Com amor, respeito e gratidão.

Mari Sales

Sobre a Autora

Mari Sales é conhecida pelos dedos ágeis, coração aberto e disposição para incentivar as amigas. Envolvida com a Literatura Nacional desde o nascimento da sua filha, em 2015, escutou o chamado para escrever suas próprias histórias e publicou seu primeiro conto autobiográfico em junho de 2016, "Completa", firmando-se como escritora em janeiro de 2017, com o livro "Superando com Amor". Filha, esposa e mãe de dois, além de ser formada em Ciência da Computação, com mais de dez anos de experiência na área de TI, dedica-se exclusivamente à escrita desde julho de 2018 e publicou mais de 100 títulos na Amazon – entre contos, novelas e romances.

Site: <http://www.autoraMariSales.com.br>

Instagram: <https://www.instagram.com/autoraMariSales/>

Assine a minha Newsletter: <http://bit.ly/37mPJGd>



Outras Obras



Benjamin (Família Valentini 01): <https://amzn.to/3rla7Dw>

Sinopse: Marcados por uma tragédia em sua infância, os irmãos Valentini estão afastados há muito tempo uns dos outros. Benjamin, o irmão mais velho, precisou sofrer uma decepção para saber que a família era o pilar de tudo e que precisava unir todos novamente.

Embora a tarefa parecesse difícil, ele encontra uma aliada para essa missão, a jovem Rayanne Vilar, uma mulher insegura,

desempregada e apaixonada por livros, que foi contratada para organizar a biblioteca da mansão e encontrar os diários secretos da matriarca da família.

Em meio a tantos mistérios e segredos, o amor familiar parece se renovar tanto quanto o amor entre um homem e uma mulher de mundos tão distintos.



Meu Chefe Intenso: <https://amzn.to/3nx8DEs>

Sinopse: Para Theo Ferraz tudo era oito ou oitenta: ele amava demais ou excluía de sua vida. Focado em alcançar a posição de CEO do Grupo Gimenes, nada ficaria em seu caminho, nem mesmo a nova funcionária desastrada.

Olivia Nunes estava empenhada em dar o seu melhor no novo emprego, mesmo que tudo parecesse dar errado há muito tempo. Desamparada pela família e o pai da sua filha, ela tentava viver um dia de cada vez.

Bastou uma conversa para que Theo mudasse o foco, a paixão não combinava com prudência. O interesse pela funcionária ultrapassou o profissional ao querer saber mais sobre ela.

A intensidade de Theo surpreendeu Olivia. Muitos motivos a impediam de se entregar sem receios: ele era seu chefe, ambos foram abandonados e muitos assuntos pendentes precisavam ser resolvidos.

Eles descobririam, entre o romance de escritório e os cuidados com a filha de Olivia, que o amor conseguiria transformar até o mais intenso dos corações.

ATENÇÃO! Essa história contém cenas impróprias para menores de dezoito anos. Contém gatilhos, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.



Prometida para Noah: <https://amzn.to/3E3C0U0>

Sinopse: Ser privado do seu dom não impediu que Noah **Baron agisse com o instinto animal.** Considerado perigoso e incontrolável, ele se tornou um empresário de sucesso e presidente do Rage Wolf Moto Clube.

Em uma tentativa de frear o temperamento imprevisível de Noah, sua mãe lhe fez uma proposta irrecusável: ela lhe devolveria seu lobo, desde que ele seguisse as regras.

Celeste e sua irmã gêmea nunca tomaram conhecimento de serem as Alfas Gemini. O tio se tornou tutor e as manteve reclusas por anos, até que foram prometidas para homens desconhecidos.

Com medo de serem separadas, elas escaparam do seu cárcere em busca de um recomeço. Para Celeste, não adiantou fugir, o destino a encontrou antes que pudesse se sentir livre. **Ela era o último elemento do ritual que traria de volta o lobo de Noah Baron.**

Celeste não tinha outro caminho a não ser cumprir seu papel de prometida. **Faltava um mês para a Lua Azul, tempo suficiente para que laços predestinados fossem revelados e o verdadeiro Alfa assumisse a alcateia.**



Um bebê na Máfia: <https://amzn.to/3AoJvTk>

Sinopse: Tabus e limites não existiam quando se tratava de Leonel De Leon. Vivendo suas próprias regras, o mafioso controlava a cidade e decidia o futuro das pessoas estando em seu escritório. Ele se achava acima de todos, não havia ninguém que conseguisse o atingir.

A advogada Sara Benildes estava em um restaurante, comemorando o aniversário de namoro, quando conheceu o poderoso De Leon. Para ele, a moça petulante e de nariz empinado não era nada.

Eles se reencontrariam meses depois, em situações peculiares. O mafioso tomou para si um bebê abandonado,

enquanto Sara perdeu o filho recém-nascido.

Para alguns, a segunda-chance. Para outros, uma realidade deturpada.

Enquanto Sara lidava com o luto amamentando o filho de um desconhecido, ela mergulhava no mundo obscuro de Leonel. Tudo indicava que ela se moldaria ao mafioso, mas era ele que abria o coração e se permitia ter um ponto fraco, uma família.

ATENÇÃO! Essa história contém cenas impróprias para menores de dezoito anos. Contém gatilhos, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.



Noivado de Mentira com o General:

<https://amzn.to/3kcb3qa>

Sinopse: Davi Lucca Fiori tinha um único objetivo em sua vida: alcançar a mais alta patente do exército. O General era um solteiro cobiçado, fazia parte da família real, era respeitado e exemplo de boa conduta.

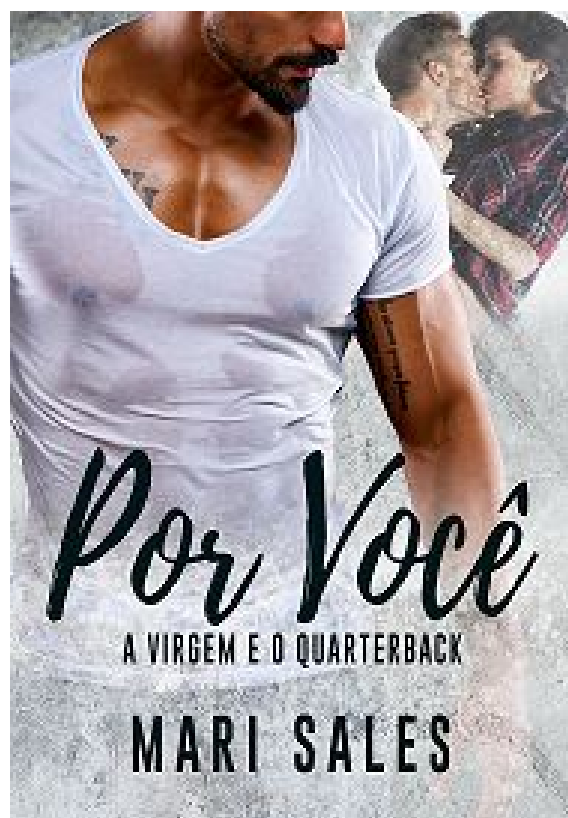
A reputação do herdeiro Fiori ficou por um fio quando um inimigo da monarquia descobriu seu segredo. Ele era um Príncipe e não poderia fugir das suas obrigações.

Clarice Mattos queria esquecer sua adolescência. Se ela estava bem naquele momento, devia ao Príncipe General, que

cruzou o seu caminho quando era mais nova. Por anos, eles mantiveram contato à distância e se tornaram amigos, mas tudo mudou quando a generosidade ficou prestes a ser revertida em um escândalo.

A oportunidade de Clarice retribuir a benfeitoria surgiu. Davi Lucca não queria expor sua amiga plebeia, mas aceitou forjar um noivado falso, para protegê-la mais de perto e à sua família.

Da mentira, veio a atração. A amizade se transformou em desejo e o amor, que deveria unir povos, poderia ser o elemento crucial para destruir a monarquia.



Por Você: A Virgem e o Quarterback: <https://amzn.to/3gS6cs8>

Sinopse: O rebelde Paulo Victor não agia como o esperado. Veterano no curso de Administração e quarterback do time da cidade, ele era admirado pelos seus colegas e cobiçado pelas garotas. Sua dedicação para o futebol americano não contribuía para a carreira política que seu pai tinha planejado.

Entrar na faculdade era o sonho de Milena Swagger. Disfarçada de Melissa Silva, ela conseguiu a oportunidade de ter uma vida normal, longe de perseguições e constantes mudanças. Para continuar segura, ela teria que seguir alguns protocolos, como não se envolver com ninguém.

Quebrar todas as regras se tornou irresistível quando a rotina estudantil começou. A atração pelo proibido e o mistério que

envolvia Paulo Victor e Melissa os conectaram muito além das conversas de corredor e festas universitárias.

Eles não estavam preparados para que suas vidas fossem abaladas pelas escolhas dos seus pais. O amor era forte para unir, mas também, o argumento necessário para deixar a outra pessoa partir.



Pai por Acidente: <https://amzn.to/3m6zjeQ>

Sinopse: O atual CEO do Grupo Ferraro era dedicado ao sucesso da empresa. Na vida pessoal, Nicolas Ferraro marcava encontros com mulheres da mesma forma que agendava suas reuniões de trabalho. Apenas assim conseguiria manter tudo sob controle para evitar decepções.

Sua vida perfeitamente programada sofreu mudanças quando um bebê foi abandonado em seu escritório. Com dúvidas se a criança era sua, ele escolheu descobrir a verdade antes que aquele acontecimento se transformasse em um escândalo.

Para os cuidados com o bebê, Nicolas precisaria de uma babá.

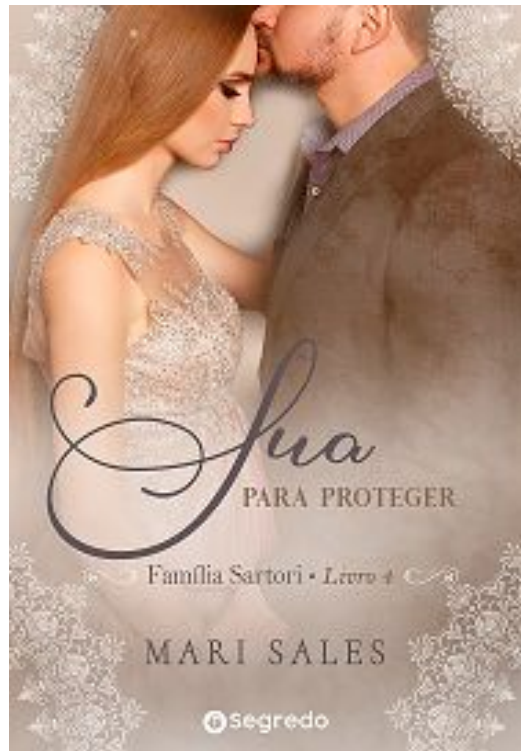
Lane Simioni estava perdida. Em busca do seu verdadeiro propósito de vida, ela tinha trancado a matrícula da faculdade de Enfermagem sem avisar sua mãe. E, movida pela expectativa de ter novas experiências, aceitou a oferta de emprego provisória.

Um bebê abandonado.

Uma babá inexperiente.

Um pai sem intenção.

Enquanto Nicolas Ferraro mudava de visão sobre o seu passado doloroso, aquele acidente se transformava na sua melhor escolha.



Sua Para Proteger: <https://amzn.to/3B9sZbp>

Sinopse: O que eu mais queria era me redimir, depois das consequências da minha ilusão amorosa. Comecei pela vida profissional e me encontrei nas pistas de corrida.

Fazer o certo ia além de agradar os outros. Meus irmãos tinham suas famílias e estavam felizes com suas escolhas. Eu precisava me permitir amar novamente e encontrei minha segunda chance em uma festa, indicada pela mesma pessoa que um dia me fez sofrer.

Rosyh Johnson não me permitiu tornar o momento de luxúria em algo mais. Sem ter o seu contato, pensei nela enquanto foquei nas corridas e socializei ao estilo do solteiro Mazzi.

Meu caminho cruzou com o de Rosyh meses depois, em outros termos. Ela não era mais uma mulher desapegada, que queria apenas diversão, mas uma grávida retraída. Diferente da nossa primeira vez, eu insisti e mostrei que era diferente de todos os homens que ela conheceu.

Sua confiança em mim me permitiu que eu a protegesse do seu passado. Só não imaginava que ser altruísta pudesse colocar em risco a família que tanto ansiei formar.

Aviso: Sua Para Proteger, livro 4 da Família Sartori, é um volume único. Por ser com casais diferentes, cada livro da série pode ser lido separadamente, mas o posterior contém spoilers do anterior.



O Acordo: <https://amzn.to/3q2BHDb>

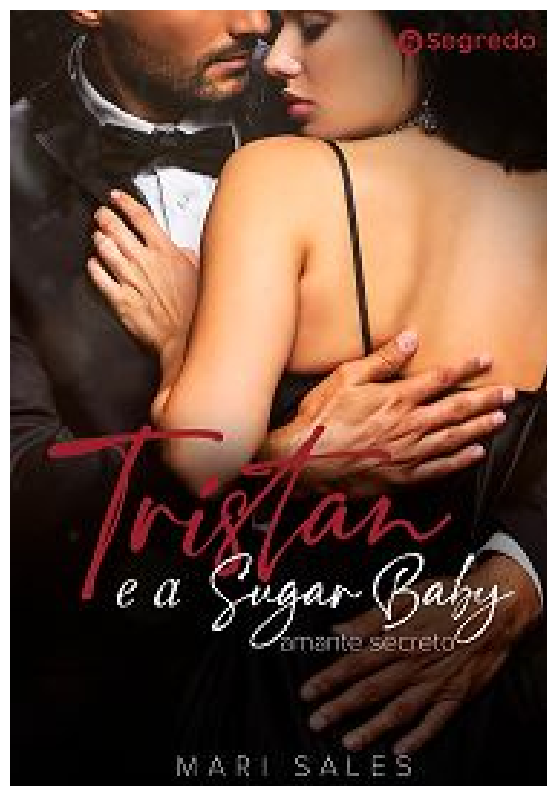
Sinopse: Samuel Vitta Dan era um CEO de sucesso na área de investimentos financeiros. Rígido e intimidante, nas horas vagas, lecionava empreendedorismo para o último ano do curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas. Essa atividade extra lhe rendia muito mais do que satisfação profissional.

Nem todos apreciavam o professor Samuel. Scarllat Mancini não se adequava em sua família e estava difícil se adaptar aquela metodologia de ensino. Ela tinha sido julgada desde o seu nascimento e nunca se acostumou a ter que provar seu potencial, muito além das notas escolares.

Com um diploma na mão e órfã, Scarllat recebeu uma oportunidade de mostrar sua capacidade, ela iria trabalhar na área

de tecnologia da Dan Financeira.

Novos desafios surgiram quando ela descobriu que o CEO da empresa era aquele professor odiado. Mesmo que ainda guardasse mágoa, Samuel estava se tornando um chefe misterioso e irresistível. Para saber mais daquele homem, Scarllat iria se render a um acordo e descobriria muito mais do que os segredos do CEO.



Tristan e a Sugar Baby (Amante Secreto):

<https://amzn.to/33YRBVa>

Sinopse: O CEO da Ludwing Motors estava enfrentando complicações no seu divórcio e, por ser um pai protetor, não queria que sua filha fosse afetada. Tristan Adams estava decidido a aproveitar seu atual estado civil se cadastrando em um site de encontros.

Annelise Ortiz ganhou uma bolsa de estudos na faculdade de Stanford e perdeu o namorado virtual. Ela foi iludida e estava disposta a não sofrer pelo término do relacionamento. Por impulso, acordou com sua melhor amiga para serem sugar baby por um dia.

Tristan só queria uma companhia para o evento empresarial, sem que houvesse complicações posteriores. Annelise esperava

uma diversão inocente com o homem mais velho, não acabar perdendo a virgindade.

Eles não deveriam se encontrar novamente, mas aconteceu muito mais do que tinha sido planejado. As complicações que rodeavam aquela relação aumentavam a cada dia. Tristan era o pai da melhor amiga de Annelise e um final feliz estava longe de acontecer... a não ser que o amor falasse mais alto.



Contrato com o CEO: <https://amzn.to/3nUwZpV>

Sinopse: Para Rico Lewis, trabalho se misturava com prazer. Ele não sabia se relacionar com as mulheres se não fosse baseado no que estava definido em um contrato. Essa era a forma que encontrou para nunca mais ser enganado.

A seleção para secretária executiva do CEO da ReLByte era concorrida. Alice Reis não achava que poderia ser a escolhida, na verdade, nem queria. Sua confiança estava abalada ao ser humilhada pelo homem que se dizia seu namorado.

Tudo estava acontecendo ao mesmo tempo e não havia mais nada a perder. Sem companheiro, sem dinheiro e sem um lugar para morar, Alice aceitaria qualquer proposta para assumir o controle da sua vida. E ela conseguiu a vaga. Por impulso, assinou

o contrato e aceitou as consequências de ser a realização do fetiche CEO e secretária.

Ela nunca tinha sido tocada daquele jeito. Senhor Lewis não queria sentir o coração acelerar novamente. Era a iminência de um desastre, mas eles ignorariam qualquer emoção para se protegerem de uma nova decepção.



Valentine (Tríade Moto Clube – Livro 1): <https://amzn.to/3aq5yib>

Sinopse: O Doutor Brian Powell, ou Doc como era conhecido pelos amigos, acompanhava de perto o sofrimento do presidente do Selvagem Moto Clube devido a uma grave doença. A morte se aproximava e a sucessão do seu legado estava gerando uma grande disputa.

John Savage nunca quis que a família se envolvesse com seus negócios, mas sua filha Valentine estava disposta a lutar pelo cargo que lhe era de direito. Ninguém a conhecia o suficiente para dar apoio, no entanto isso não a desmotivaria a alcançar seu objetivo.

O primeiro contato que Valentine teve com um dos membros do Moto Clube foi explosivo, mas Doc estava determinado a ser um aliado, além de um bom amante. Ele já a queria muito antes mesmo de a ver pela primeira vez.

Entre atentados e preconceito, Doc e Valentine terão que lutar para preservar a paz do Selvagem e não se perderem entre as armadilhas causadas pela superproteção.



Cedendo à Paixão: <https://amzn.to/3kpvt8>

Sinopse: Quando o grande empresário Bernardo Camargo cruzou com Alícia em um supermercado, não esperava que a mulher fosse mais do que uma coincidência. Ambos estavam tendo um péssimo dia, o desabafo sobre seus tormentos foi involuntário, afinal, eles eram estranhos que nunca mais se cruzariam.

Bernardo lutava para esquecer o passado que o marcou.

Alícia estava disposta a renunciar sua própria felicidade para ser uma boa mãe para seus filhos.

Um momento não deveria definir um relacionamento, muito menos abrir a brecha para que a vida amorosa de Alícia voltasse a

ativa. Bernardo queria ser visto além do homem poderoso em um terno e estava disposto a ter mais do que apenas em um encontro casual com aquela mulher.

Restava saber se a paixão avassaladora entre os dois seria o suficiente para superar tantos segredos.



A Filha Virgem do Meu Inimigo: <https://amzn.to/2DwGGYZ>

Sinopse: Antonio “Bulldog” era conhecido na cidade por seu temperamento explosivo e trabalho árduo na presidência da AMontreal. Com um histórico familiar de traumas com mulheres, ele era um homem solitário que se apegava apenas ao seu ofício.

Nada o deixava mais irritado do que lidar com o seu rival, o candidato a prefeito Ivan Klein. Ele estava ausente da cidade há muito tempo, mas voltou para destruir com a AMontreal e ser o chefe maior de Jargão do Sul.

Bulldog estava pronto para defender seus protegidos do ambicioso político, mas ele não contava com a presença da filha do seu inimigo. Deborah não só tinha quinze anos a menos do que ele, mas era uma mulher doce, de sorriso contagiante e que tentava influenciar as pessoas, de forma positiva, a favor do seu pai.

Ninguém disse que o destino jogava limpo. Ele não só unia pessoas de lados opostos a uma guerra, mas confrontava segredos e revelava a verdadeira face das pessoas. Cabia a Bulldog e Deborah escutarem seus corações e não caírem na armadilha da ganância alheia.



Box – Quarteto de Noivos: <https://amzn.to/2JQePU2>

Sinopse: Essa é a história de quatro primos solteiros que encontram o amor. Coincidência ou não, o movimento para que eles se permitissem amar iniciou com a matriarca da família, avó Cida, em uma reunião de família. Ela mostrou, sem papas na língua, o quanto eles estariam perdendo se buscassem apenas relacionamentos vazios.

O que era para ser um encontro casual se tornou em uma grande história sobre a próxima geração da família Saad.

Nenhuma das mulheres que se envolveram com o quarteto de primos era convencional. Quem as visse de longe, julgariam suas escolhas ou mesmo se afastariam.

Fred, Guido, Bastien e Leo aceitaram o ponto de vista da avó de forma inconsciente, mas se apaixonaram por completo com a razão e o coração em sintonia.

Envolva-se com as quatro histórias e se permita olhar para a família Saad de uma forma completamente diferente.

Obs: Esse BOX contém:

1- Enlace Improvável

2- Enlace Impossível

3 - Enlace Incerto

4 - Enlace Indecente

Epílogo Bônus



Box Flores e Tatuagens: <https://amzn.to/2LLjA4D>

Sinopse: Eles eram ricos, intensos e poderosos em seus ternos e tatuagens.

O CEO Tatuado Erik se apaixonou pela irmã do seu tatuador. Orquídea fugia de um passado que a atormentava.

O Executivo Tatuado San Marino encontrou a estrela que brilharia na sua vida. Daisy tentava escapar de um relacionamento abusivo com um homem perigoso.

O Chefe Tatuado Dário era protetor e não hesitou em agir quando conheceu a mãe de Enzo Gabriel. Gardênia fugia do pai do

seu filho e de uma vida submissa.

O Sócio Tatuado Laerte Azevedo era o vilão. Ele estava disposto a contar a sua versão da história, mesmo que soubesse que não era digno de perdão. Jasmim foi vítima da crueldade da família Azevedo e estava disposta a superar seus medos.

Quatro casais, quatro histórias. Eles estavam dispostos a reconstruir suas almas com o mais belo dos sentimentos, o amor.

ATENÇÃO! Essa história contém cenas impróprias para menores de dezoito anos. Contém gatilhos, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.